ANO VII (2.ª SÉRIE) — N.º 2216 — 1974 — DOMINGO, 28 DE ABRIL — PREÇO 2$50

A CAPITAL

Director: HENRIQUE MARTINS DE CARVALHO
Subdirector: JOSÉ JÚLIO GONÇALVES

PROPRIEDADE: S.G.C. • SOCIEDADE GRÁFICA DE «A CAPITAL» • R. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 66 • LISBOA-1 * TELEFS. 686125/6/7 * END. TELEG. ACAPITAL * TELEX 12300

Mário Soares é abraçado pela multidão à sua chegada a Lisboa

MÁRIO SOARES REGRESSA

À hora a que encerramos esta edição, chegou a Santa Apolónia o «leader» socialista português dr. Mário Soares, que se encontrava exilado em França. No largo fronteiriço à estação ferroviária era aguardado por enorme multidão. «A Capital» foi o único jornal português a esperar Mário Soares na fronteira, e colheu dele as suas primeiras palavras na hora do regresso à Pátria. Também o nosso jornal foi o primeiro órgão de Imprensa portuguesa, após a alteração do regime, a entrevistar o prof. Rui Luís Gomes. Esta manhã o notável matemático falou do Recife (Brasil) a um jornalista de «A Capital». Igualmente, Manuel Alegre, há muitos anos ausente na Argélia, mostrou intenção de regressar ao País. (PÁGINA CENTRAL)

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE PARA INFORMAÇÃO

LIBERDADE e responsabilidade para a Informação — foram os parâmetros ontem definidos pelo general António de Spínola na reunião que a Junta de Salvação Nacional teve com representantes de órgãos informativos e de sectores políticos nacionais. O presidente da Junta traçou também as principais linhas que orientam o seu pensamento, falando designadamente da diferença que existe entre os conceitos de autodeterminação e independência dos territórios ultramarinos. (PÁGINA 2)

O ÚLTIMO PRESO POLÍTICO

ÂNGELO CARDOSO: «Foram seis anos de sofrimento»

— MEU filho! Meu filho! Tanto mal que esses malditos te fizeram.

O grito e o abraço fundiram-se numa só manifestação de incomensurável ternura, naquele corredor de pedra da Penitenciária de Lisboa. Uma velha mulher do povo abraça e devora com beijos o filho, que lhe era restituído após seis anos de separação. Ângelo Maria Fernandes Cardoso, porventura o último preso político que ainda se encontrava detido, regressava à liberdade por interferência da Junta de Salvação Nacional. Advogados, repórteres e o major Vítor Alves, representante da Junta, deixavam também que as lágrimas lhes corressem livremente pelo rosto. Apenas os funcionários da cadeia, porque habituados a muitas cenas semelhantes ao longo da sua vida profissional, fitavam o grupo com sorrisos discretos de simpatia.

ÂNGELO MARIA, de 36 anos, nasceu em Vila Franca das Naves e participou no já célebre assalto à delegação do Banco de Portugal na Figueira da Foz. Conduzia o automóvel que transportou os assaltantes. Meses depois, já em Paris onde se refugiara, travou conhecimento com um seu compatriota que também se declarava inimigo do regime agora deposto. Um inimigo muito especial, como o próprio Ângelo nos relatou esta manhã no gabinete do director da Penitenciária de Lisboa e na hora da libertação:

— O fulano afirmou-se meu conterrâneo, é-o de facto,

(CONTINUA NA PÁGINA 20)

APELO À ORDEM E TRANQUILIDADE

O R.C.P. e a E.N. têm vindo a emitir o seguinte apelo:

«Português: sê digno do alto momento histórico que vivemos e das liberdades que reconquistaste. A Junta de Salvação Nacional pretende garantir, através das medidas já decretadas, o pleno exercício dessas liberdades. Não cedas às solicitações dos elementos provocadores que através dos apelos à violência e aos desmandos gratuitos, unicamente anseiam e visam semear a desordem e a divisão no seio dos Portugueses. Somente num clima de completa ordem e tranquilidade pública poderão prosperar as instituições democráticas, pelas quais lutaste até à vitória.

Viva PORTUGAL!»

O general Spínola abandona a Cova da Moura após um intenso período de trabalho

Liberdade e responsabilidade para a Informação

LIBERDADE correspondendo à maior responsabilidade, no que refere à actividade dos órgãos da Informação e, quanto à política ultramarina, a diferença entre os conceitos de autodeterminação e independência, foram os pontos fundamentais da reunião promovida pela Junta de Salvação Nacional com os directores dos jornais e responsáveis por outros órgãos da Informação e ainda elementos dos movimentos da opinião C.D.E., S.E.D.E.S. e Convergência Monárquica. Neste encontro, que se prolongou por cerca de duas horas — e do qual publicámos, ontem, em segunda edição, um breve resumo — estiveram presentes, pela Junta, o seu presidente, general António de Spínola, e os restantes membros, general Costa Gomes, capitão-de-fragata Rosa Coutinho, capitão-de-mar-e-guerra Pinheiro Azevedo, brigadeiro Jaime Silvério Marques e coronel Galvão de Melo. O general Diogo Neto, também membro da Junta, ainda não se encontrava em Lisboa.

Os movimentos de opinião tinham, como representantes: Da C.D.E. — prof. Francisco Pereira de Moura, dr. José Manuel Tengarrinha, eng.º Pedro Coelho, drs. Herberto Goulart, Lindim Ramos e Macedo Varela (do Porto); da S.E.D.E.S. — drs. Sá Borges, Magalhães Mota e Macedo Varela; da Convergência Monárquica — dr. Rodrigo Monctezuma, eng.º Gonçalo Ribeiro Teles, drs. João Vaz Serra e Moura, Pedro Paiva Pessoa e José Luís Crespo de Carvalho.

AS primeiras palavras do general António de Spínola, que entrou na sala, às 13 e 15, foram para os órgãos da Informação aos quais disse prestar homenagem e salientou, a seguir, o desejo de que a Imprensa se mantenha à altura que «a hora crítica e difícil que o País vive» exige, pois está, como outros, convencido que a Nação atravessa um momento histórico.

Acrescentou:

— Todos somos poucos para colaborar na solução dos complexos problemas que temos para enfrentar. Vivemos uma hora de evolução, uma hora difícil para rasgar novos horizontes. O País viveu largos anos dentro de um regime que criou um determinado clima por carência de consciencialização da grande massa da Nação. Hoje a situação traduz-se numa necessidade premente de evoluir no sentido de encontrarmos novas formas de convivência, de encontrarmos soluções que se ajustem ao mundo em que vivemos — única forma de mantermos a unidade da Pátria e de sermos dignos das gerações vindouras, do Portugal que herdámos, única forma de não desmerecermos do esforço do passado, do sangue generosamente derramado pelo bom povo português ao longo da nossa história e da época que passa no nosso Ultramar.

O presidente da Junta de Salvação Nacional, que falava em tom calmo, acentuando bem as frases importantes e definidoras do espírito renovador que pretende imprimir à acção resultante do Movimento das Forças Armadas, salientou que o período actual é particularmente difícil e que não se pode deixar de agir neste momento com a maior das firmezas, a maior das intransigências em tudo quanto ultrapasse as manifestações de alegria do povo português — manifestações que só traduzem o sentimento de que o povo ansiava viver à luz do novo espírito. É nosso sentido que a Imprensa tem uma alta missão a desempenhar, para que o programa da Junta de Salvação Nacional se possa concretizar de modo a integrar-se no mundo actual.

Lei de Imprensa vai ser revista

Acrescentou o general António de Spínola:

— É nosso sentido que a Imprensa tem uma alta missão a desempenhar, pois compete-lhe colaborar no sentido de que possam ser respeitadas em toda a sua plenitude novas formas de vida. Ainda sobre este assunto, quero referir-me a pontos fundamentais, a avaliar pelas perguntas que nos têm sido formuladas. Um, diz respeito à Lei de Imprensa que, evidentemente, vai ser revista. A nossa atitude neste campo já se concretizou pela abolição da Censura ou, por outras palavras — o que quer dizer a mesma coisa — pela abolição da censura prévia, ou do exame prévio... (Aqui o general Spínola fez uma pausa, sublinhada por um gesto de mão de tom irónico). Todavia, há um aspecto que desejo desde já salientar: é a alta responsabilidade que a Imprensa assume. Dirijo-me fundamentalmente, às direcções dos jornais. A direcção de cada jornal deverá organizar-se internamente por meio de hierarquias que assegurem a prática de uma informação livre, é certo, mas essencialmente responsável. É preciso que os lugares de chefia dentro dos jornais sejam dados a pessoas da mais alta responsabilidade de forma a transformarem-se em elementos válidos.

Jornais passarão a ter feição diferente

Prosseguiu o presidente da Junta de Salvação Nacional:

— Neste momento, é evidente que os jornais passarão a ter uma feição diferente. Uns, não farão qualquer esforço para manter a linha de rumo, outros terão de se ajustar a novo espírito dentro desta liberdade. Sem, todavia, querer influenciar a orientação que cada jornal entenda dever tomar, quero fazer um pedido. Estamos num momento difícil, a seguir ao Movimento que, pelo facto de ser um Movimento que surgiu da vontade da maioria do País, só foi possível levar a efeito sem um tiro porque foi galvanizado pela vontade das Forças Armadas em representação do País. É natural que o povo dê largas à sua alegria e impõe-se enfrentar o momento difícil de um povo que não está consciencializado. Tem de haver um trabalho profundo de consciencialização. Um programa que vai ser posto em prática progressivamente. O papel da Imprensa deverá ser, de calma, e de serenidade. Há que acabar com frases e outras manifestações que terão correspondido a uma necessidade para excitar os ânimos e animar o Movimento, mas que, a partir dele, podem ser altamente inconvenientes.

Um Movimento que surgiu da vontade do País

O general António de Spínola salientando tratar-se de uma reunião isenta de formalidades e sem o carácter de um discurso político acrescentou:

— Há outro aspecto que eu desejaria focar e para o qual, neste momento, peço a colaboração dos directores dos jornais. Trata-se das posições pessoais de cada um. Há uns jornais que não terão que alterar a linha de rumo que vinham seguindo. Há outros que devem ajustar a sua actuação de acordo com os novos rumos da vida portuguesa, evitando informações demagógicas e que vão contra os supremos interesses do povo português. Aqui, eu não hesito em pedir a colaboração de todos os jornais. É que, neste momento difícil, precisamos de manter a maior calma. Estamos perante um movimento militar que surgiu da vontade humana do País, de um movimento que só foi possível ser levado a efeito sem um tiro porque foi galvanizado pela vontade unânime das Forças Armadas, que outra coisa não são do que o bom povo português acidentalmente em armas. É natural que nestes primeiros tempos o povo dê lugar à sua alegria e não devemos esquecer que acusam o povo português de não estar preparado para praticar a Democracia. Devemos todos provar o contrário.

Imprensa da direita terá que evoluir

Continuando a esclarecer a posição da Junta de Salvação Nacional, o general Spínola disse:

— Não aceitaremos a imposição unilateral de regimes autoritários, nem da direita nem da esquerda. Estamos aqui para defender e estimular a prática de puros princípios democráticos em que os direitos de todos sejam igualmente respeitados. Reconheço que estamos ansiosos de modificações, mas as coisas não podem ser feitas de um momento para o outro. A menor precipitação pode resultar num retrocesso que ninguém desejaria. Seria dar razão aos argumentos que neste mo... Diz-se que o povo não está preparado para a Democracia, mas nós queremos provar que o está. A Imprensa tem uma alta responsabilidade nesta tarefa, pois deve evitar fomentar as reacções extremas. Refiro-me à Imprensa quer do anterior regime, quer da direita, quer da esquerda. Peço a todos que não excitem os ânimos, até porque já não é preciso. A liberdade está instaurada, e, para a exercer, não é preciso usar qualquer violência. A linha está traçada. A Imprensa da direita terá que evoluir com dignidade de forma a poder colaborar com a Junta.

O general Spínola falara, entretanto, de um facto ocorrido quando da libertação dos presos políticos e recordou: «Ao decidirmos libertar os presos políticos foram-nos postas algumas reservas quanto aos casos daqueles que eram acusados de actos de violência e, portanto, passíveis de serem considerados autores de crimes de delito comum. Foi-nos posta no entanto uma argumentação a que tivemos que ceder: também nós em 25 de Abril, tivemos que recorrer a algumas acções violentas para atingirmos os fins políticos de salvação nacional a que nos propusemos. Decidimos, por isso, libertar todos os presos que se encontravam em cadeias políticas. De qualquer modo, acabaram agora os motivos que justificavam essas acções violentas. Seria muito doloroso para nós, amanhã, ter que deter aqueles que foram agora postos em liberdade só porque insistiram num tipo de actuação que já não é necessária.»

Ainda a propósito da evolução da Imprensa disse o presidente da Junta de Salvação Nacional:

— A das esquerdas pode manter a sua linha, mas evitando excitar os ânimos. No que respeita à Imprensa de outro sentido há que evoluir com dignidade, de modo a poder colaborar com a Junta.

Autodeterminação e independência

Acentuando o facto de lhe parecer importante definir o que pensava acerca da política ultramarina, o general António de Spínola disse:

— Aproveito esta reunião para responder a muitas perguntas que nos têm sido feitas. Há muito tempo que no nosso País se vem confundindo o conceito de autodeterminação com o conceito de independência. Na Guiné já defini o que entendia por autodeterminação. Recordo-me da reacção do anterior Governo perante essa minha posição. Julgo que autodeterminação é o direito de cada povo escolher os seus destinos. Mas para que um povo possa autodeterminar-se, deve estar à altura de saber escolher o seu destino. Deve estar de posse de um nível cultural mínimo para saber escolher. Se assim não for, qualquer acto de autodeterminação não irá servir outros interesses que não sejam os de terceiros. Eu distingo, claramente, autodeterminação de independência. Quando eu governava a Guiné não tenho dúvidas de que se tivesse lançado um plebiscito esse maioria sido favorável. Mas não seria sério porque a população não estava culturalmente preparada para decidir em plena consciência. Em África, não há ainda preparação intelectual e o número de élites é limitado e que não acontece aqui. Tão pouco aceito negociar neste momento com interlocutores que não representam a vontade desse povo. Penso que a autodeterminação só pode decidir-se através de um plebiscito — mas um plebiscito concretamente através de um povo com determinado nível cultural. A independência imediata corresponderia a uma vontade que não seria a vontade de um povo. Não nos esqueçamos que se aqui já há élites preparadas, no Ultramar não. Devemos é acelerar o processo ultramarino que permita ao povo autodetermina-

CORPO REDACTORIAL: Rodolfo Iriarte (chefe), Daniel Ricardo (chefe-adjunto), Mário Alexandre e Cáceres Monteiro (subchefes), Afonso Serra, Armaldé Martins, António Carvalho, António Esperança, António dos Santos, António Vinagre, Appio Sottomayor, Calado Lopes, Diana Castro, Encarnação Viegas, F. Castro, Faria de Morais, Fernando Carneiro, Fernando Gaspar, Fernando Peres, Hélder Pinho, Jaime Saint-Maurice, Joana Godinho, José João Louro, José Sarabando, Manuel Batorêo, Manuela Alves, Maria Caterina, Maria Teresa Horta, Maira da Cunha, Pedro Vieira, Pina Cabral, Oliveira Figueiredo, Rodrigues Alves, Silva Marte, Sónia Kiel. Repórteres fotográficos: Alberto Peixoto, Fernando Ricardo, Inácio Ludgero, Joaquim Lobo, João Ribeiro, Teresa Monserrat. REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e COMPOSIÇÃO: Rua Joaquim António de Aguiar, 65 — telefs. 688125/6/7 — telex 12386 — End. telegr.: «A CAPITAL» — IMPRESSÃO: Sociedade Nacional de Tipografia, Rua do «O Século», 6…

-se, mas autodeterminação sob a bandeira portuguesa. Esse é o nosso objectivo e se o conseguirmos será o reconhecimento da nossa capacidade política e da segurança dos nossos destinos.

Conhecemos os inconvenientes de uma independência prematura e queremos ser dignos dos nossos mortos.

Acrescentou:

— É indispensável mantermos uma política de autenticidade para que o Mundo acredite em nós e para que nos tenha respeito. Costuma dizer-se que, em política, o que parece é. Para a Junta, em política o que é, é. Precisamos de ser sinceros para que os próprios povos africanos acreditem em nós. Para mim não há a nossa razão. A razão não tem fronteiras. Praticaremos uma política que seja tão fundamentada na razão que só possa inspirar respeito mundial. Há que adoptar formas apoiadas na moral, na razão e na justiça. Esse é o nosso programa.

Denunciar actos que entravem moralização

Regressando, a cada passo, à necessidade de agir com responsabilidade, defendendo a serenidade, o general António de Spínola continuou:

— A Junta agradece aos jornais que denunciem todos os actos que contribuam para entravar o processo de moralização da vida do País. Ainda há pouco soube, através de um telefonema, de um caso de tentativa de passagem ilegal de avultado capital para o estrangeiro. A Imprensa presta-nos um grande favor divulgando estes e outros casos de abuso e atentórios dos interesses do povo português. Quero ainda chamar a atenção de todos para a necessidade de terem cuidado com as informações transmitidas pois não devem transformar um boato num facto. A liberdade de que desfrutam agora exige como disse, maior responsabilidade. É preciso manter uma linha de verdade e de autenticidade. Será doloroso para nós ter de entregar aos tribunais casos de autores de notícias que não tenham confirmação. A vossa liberdade tem que assentar na maior responsabilidade. Esta evolução só pode realizar-se neste momento se houver mão firme e sem a menor abdicação da autoridade tanto fora como dentro dos jornais.

Dirigindo-se em especial aos representantes da Televisão, que considerou um dos importantes órgãos de informação, o presidente da J. S. N. disse:

— Seria muito doloroso para nós que por falta de colaboração de quem tem obrigação de a prestar tivéssemos que actuar com firmeza. A R. T. P. tem que manter um equilíbrio extraordinário, porque não vale a pena exacerbar os ânimos nem levantar ódios inúteis.

No final de sua exposição o general Spínola perguntou aos presentes se haveria algum problema de carácter imediato a resolver, tendo o director do nosso colega «Diário de Notícias» salientando a dificuldade da obtenção dos comunicados, que os jornais têm de gravar da Rádio e da Televisão.

Em resposta, o general Spínola disse que está tudo a organizar-se no sentido de resolver o problema e acrescentou: «Têm de desculpar algumas perturbações. O Movimento das Forças Armadas tinha a operação organizada mas até eu fui surpreendido pelo seu êxito. Foi tudo muito rápido. Nunca julguei que o País estivesse tão decidido a apoiar-nos em todos os sectores, pelo menos tão prontamente.»

Esquecer passado e construir o futuro

O prof. Francisco Pereira de Moura manteve, no final da reunião, um diálogo com o general António de Spínola apresentando-lhe a saudação do movimento C. D. E. e entregando-lhe um panfleto datado do dia seguinte ao da vitória do Movimento das Forças Armadas, o qual mereceu alguns reparos do presidente da Junta de Salvação Nacional que, a propósito, salientou ser conveniente deixar de falar no passado para construir o futuro. Referindo-se à afirmação contida no citado panfleto, «O caminho da liberdade é, hoje, o caminho da rua», o general Spínola chamou a atenção para o facto de não ser a altura de convocar as pessoas para a rua. O prof. Pereira de Moura respondeu não ser esse o sentido da frase ao que o presidente da Junta de Salvação Nacional respondeu ser necessário ter em atenção a quem se dirigem as palavras. Pois para as elites elas têm um significado e para o povo, em geral, podem ter outro.

O prof. Pereira de Moura referiu, ainda, a apreensão de muitas pessoas pelo facto de verem ainda, em alguns postos importantes pessoas do anterior regime o que permitiria concluir que «muitas coisas vão continuar como anteriormente».

Ao serem-lhe solicitados factos concretos o prof. Pereira de Moura referiu a presença de cães-polícias durante uma manifestação e dificuldades burocráticas encontradas na Emissora Nacional.

O capitão-de-mar-e-guerra Pinheiro de Azevedo respondeu comentando:

— Como quer que indivíduos que estiveram durante quinze anos habituados a agir de uma maneira a modifiquem imediatamente? Eles estão ainda convencidos que é assim que cumprem a sua missão...

O director da Emissora Nacional esclareceu, acerca da crítica feita, que as dificuldades encontradas eram consequência de ainda não ser do conhecimento da E. N. que a Junta reconhecera a C. D. E.

A propósito da representatividade do movimento da C. D. E. o prof. Pereira de Moura referiu o facto de dele fazerem parte pessoas de várias correntes de opinião tendo o capitão-de-mar-e-guerra Pinheiro de Azevedo perguntado:

— Comunistas também?

— Comunistas também e eu não tenho o menor problema em me sentar ao lado deles e falar — disse o prof. Pereira Moura.

— E nós também não — disse aquele membro da Junta de Salvação Nacional.

Antes da reunião estiveram na Cova da Moura muitas dezenas de jornalistas e repórteres de cinema e televisão estrangeiros que durante os minutos que precederam o encontro tiveram oportunidade de fazer fotografias e colher imagens dos membros da Junta e dos elementos convocados.

O dr. José Manuel Tengarrinha, um dos presos em Caxias informado do fim do governo de Marcello Caetano através da mensagem em «morse» transmitida pelo «claxon» de um automóvel

«MORSE» SONORO INFORMA PRESOS EM CAXIAS

O dr. José Manuel Tengarrinha, um dos elementos da C. D. E. que estava preso em Caxias e ontem fez parte da representação do movimento que participou no encontro com a Junta de Salvação Nacional, disse-nos pouco antes de entrar no edifício do Ministério da Defesa:

«Foi através do «claxon» de um automóvel, em sinais «Morse», que nós tivemos conhecimento de que o Governo tinha sido derrubado. Isto sucedeu cerca das 9 e 30 de quinta-feira; simplesmente, não sabíamos se os vitoriosos eram elementos da ultradireita ou spinolistas.

«Quando o Movimento já estava vitorioso, nós continuávamos a ignorar o facto, porque os guardas recusavam-se a prestar-nos qualquer informação. Estivemos acordados toda a noite, sobretudo aqueles que permaneciam em regime de isolamento, e receávamos que sobre nós fossem exercidas represálias.

«Na manhã seguinte vimos o forte rodeado por pára-quedistas, a respeito dos quais admitimos que nos estavam a cercar, até que nos chegou uma pequena informação, através de um pára-quedista que passou e, de repente, às 9 e 30 da manhã, um oficial, também pára-quedista, abriu a minha cela e perguntou-me o nome. Digo: José Tengarrinha. "Então, muito prazer em conhecê-lo», respondeu, enquanto me apertava a mão e dizia para abrir a porta. "Está libertado!".»

Chega a Lisboa o general Diogo Neto

CHEGA esta tarde a Lisboa o general Diogo Neto, o único [illegible] da Junta de Salvação Nacional ausente da metrópole. Aquele oficial general, que tem vindo a exercer as funções de comandante da Terceira Região Aérea (Moçambique) recebeu, à partida do aeroporto da Beira, cumprimentos de despedida de numerosos oficiais da Força Aérea Portuguesa. Dirigindo-se aos órgãos da informação, disse o general Diogo Neto:

— Estou convencido de que Moçambique e o ultramar vão ter o lugar que lhes compete na nossa Pátria e a que têm direito pelo esforço desenvolvido pela sua população, por aquilo que se tem feito no passado e no presente.

Disse ainda:

— Não tive intervenção no programa da Junta, o que é lógico, pois encontrava-me em Moçambique. Devo dizer, no entanto, que concordo inteiramente com o programa anunciado.

Perguntado se considera possível conciliar as posições de governador-geral [illegible] de comandante-chefe das Forças Armadas, disse:

— Acho possível. Porque, sendo assim, permite uma coordenação mais completa das actividades civis e militares no esforço dirigido para alcançar os objectivos que todos nós pretendemos.

Pedido feriado em 1 de Maio

TUDO leva a crer que vai ser decretado feriado nacional no próximo dia 1 de Maio, segundo [illegible] esta manhã um porta-voz dos Serviços de Informação Pública das Forças Armadas. O pedido fora formulado ao general António de Spínola pelo «leader» da C.D.E., prof. Francisco Pereira de Moura, durante a reunião de ontem, da Junta de Salvação Nacional com os dirigentes políticos das diversas correntes e com os directores dos órgãos de informação.

Recordamos a propósito, e tal como revelámos nas nossas edições de ontem, que a Câmara da Covilhã decidiu considerar o dia 1 de Maio, feriado municipal.

Por outro lado, vários organismos profissionais têm solicitado à Junta que considere aquela data, feriado nacional.

O tenente-coronel de Cavalaria, Almeida Bruno, detido na Trafaria após o golpe falhado das Caldas da Rainha, foi libertado ainda a tempo de desempenhar um papel muito importante nas primeiras horas do movimento que derrubou o regime. Oficial de muito prestígio entre as Forças Armadas, o seu nome é já também conhecido do grande público

Constituído um Gabinete de Informação na Madeira

FUNCHAL, 28 (Pelo nosso enviado especial) — Por determinação conjunta do governador substituto em exercício deste distrito autónomo e do Governo Militar, foi constituído um Gabinete de Informação, que funciona no Palácio de São Lourenço e é formado por elementos militares e civis designados por aquelas autoridades.

O Gabinete publicou já um primeiro comunicado em que, além de dar conta da sua própria constituição, informa que, «de acordo com as directrizes emanadas da Junta de Salvação Nacional e transmitidas através do governador militar, o governador substituto, dr. João de Gouveia, assumiu as funções inerentes ao seu cargo».

Outras disposições contidas no comunicado:

As forças militarizadas existentes no arquipélago, nomeadamente a P. S. P. e a Guarda Fiscal, cooperando com as Forças Armadas encontram-se no desempenho das suas funções normais.

Também a subdelegação da extinta D. G. S., agora directamente dependente da autoridade militar local, se encontra prestando serviços de natureza absolutamente inadiáveis, designadamente o controlo do porto e do aeroporto e assuntos relativos à emigração.

No arquipélago da Madeira, todos os serviços funcionam com a maior normalidade. Espera-se que em breve sejam restabelecidas as ligações aéreas normais.

Conforme notícias publicadas pelos órgãos de informação, os srs. almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, prof. Marcello José das Neves Alves Caetano, prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha e dr. César Moreira Baptista foram recebidos correcta e atenciosamente no aeroporto de Santa Catarina, conforme directrizes recebidas da Junta de Salvação Nacional, e encontram-se alojados no Palácio de São Lourenço.

Para evitar a propagação de boatos este Gabinete continuará a informar a população sempre que para tal haja motivo.

«CORREIO DO MINHO» SUSPENSO

Está suspenso desde sexta-feira o jornal «Correio do Minho» porta-voz da extinta A. N. P. Efectivamente, compareceu na sede daquele jornal em Braga, um oficial do Exército que, em nome da Junta de Salvação Nacional ordenou que a actividade do periódico devia cessar imediatamente. Recebeu a ordem o chefe da tipografia, já que não estavam presentes quaisquer elementos da direcção ou da redacção.

«A ÉPOCA» TEM NOVO DIRECTOR

— PERANTE a possível situação de desemprego de 400 chefes de família que trabalham no jornal e porque o anterior director, antes de sair de Lisboa, me dera plenos poderes, dei conhecimento dos factos às autoridades da Junta Militar, as quais entenderam que o mesmo deveria continuar a publicar-se para garantir trabalho a todos os profissionais, e de que deveria ser eu a assumir a direcção interina de «A Época». Foi a pedido dos jornalistas que aqui trabalham que essa posição se tornou efectiva.

Desta forma nos explicou o jornalista José Manuel Pintasilgo a mudança verificada no jornal «A Época» que agora dirige e que surgiu esta manhã em formato tablóide, embora sem novos quadros e mantendo as anteriores estruturas.

Considerando, porém, a feição sectorial que caracterizava anteriormente «A Época», pusemos a questão a José Manuel Pintasilgo, que nos disse:

— O jornal estará agora aberto a todas as correntes e tomará uma atitude colaborante com a Junta de Salvação Nacional. Desta forma divulgaremos as notícias de todos os movimentos políticos sem distinção.

Entretanto, ontem à noite, mais de mil populares concentraram-se defronte das instalações do jornal e ouviram do novo director a metamorfose por que o jornal vai passar. Também uma equipa da Radiotelevisão Portuguesa recolheu as declarações de José Manuel Pintasilgo.

Rigorosas medidas de segurança foram tomadas no aeroporto da Portela

AEROPORTO REABRE COM MOVIMENTO NORMAL

O Aeroporto da Portela abriu às seis horas de hoje ao tráfego aéreo doméstico e internacional estando a verificação de passaportes entregue à Polícia Judiciária e o exame de bagagens a cargo de elementos desta corporação e de funcionários da Alfândega. Entretanto, já ao começo da manhã, o eng.º Mendes Barbosa e outros administradores da TAP reuniam-se, no Ministério da Defesa, na Cova da Moura, com os membros da Junta de Salvação Nacional.

O movimento no aeroporto processa-se, no entanto, e como é natural, de modo diferente àquele a que os passageiros, funcionários das companhias aéreas e os trabalhadores dos vários serviços do aeroporto estão habituados.

Vedado por tropas pára-quedistas na área onde está instalado, o aeroporto só é acessível, a partir da entrada do parque de estacionamento situado frente à porta principal, aos passageiros munidos dos respectivos bilhetes, aos funcionários e motoristas de táxis, que conduzam viajantes. Neste ponto processa-se a primeira identificação, sendo obrigatória a paragem e a apresentação do bilhete. É aqui que os menos informados insistem em querer atravessar a barreira para apresentar despedidas aos que partem, o que no entanto, não é autorizado por justificáveis razões de segurança.

Às 10 horas a bicha formada pelos passageiros, que atendendo à solicitação das companhias aéreas devem apresentar-se com duas horas de antecedência ao horário previsto para o embarque, prolongava-se por cerca de 250 metros frente à única porta de acesso às instalações do aeroporto da Portela. De bagagem na mão, os turistas não perderam tempo em registar o acontecimento com as máquinas fotográficas a funcionarem a todo o momento.

A segunda etapa para penetrar no local termina na porta automática onde dois funcionários solicitam os bilhetes. Subindo a escada, mesmo no topo, a bicha bifurca-se e os passageiros mostram a sua identificação e são em seguida revistados por funcionários da alfândega e Polícia Judiciária.

O serviço é controlado por elementos das Forças Armadas tanto à entrada como à saída dos passageiros. Segundo o major Azambuja, que junto com o major Casanova supervisiona o andamento dos trabalhos, o esquema visa controlar a saída de valores que é feita através de ficheiros. Até meio da manhã apenas um indivíduo era suspeito de querer passar com valores que não correspondiam às informações que dele se dispunham.

O funcionário Seixas, da Varig, informou que, por enquanto, não se verificaram atrasos na partida dos voos por demora na revista, embora o número de passageiros seja considerável tendo em vista a acumulação que se verificou nestes quatro dias que o aeroporto esteve encerrado.

Chegadas

A chegada de passageiros também é controlada com as pistas de aterragem guardadas pelos pára-quedistas. A alfândega funciona com os seus funcionários normais mas com a presença de elementos da força militar. Nenhum problema surgiu até às 10 horas, embora o movimento, segundo um funcionário, esteja normal como se fosse um domingo qualquer.

Até aquele momento, já haviam chegado voos da Alitalia, TWA, Pan American e TAP, este último de Luanda, com o movimento normal de passageiros.

Os parques de estacionamento estão mais desafogados com poucos automóveis. Entretanto, os bares do aeroporto, e bancos encontravam-se repletos de passageiros sonolentos.

Vida normal

«A vida continua normal e em nada os serviços foram alterados» — informaram os C.T.T. interrogados sob uma possível aglomeração de serviço e dificuldade numa acção de distribuição normal.

Também os telefones de Lisboa e Porto responderam da mesma maneira, adiantando que um ou outro caso verificado se deveu única e simplesmente à grande sobrecarga de chamadas pedidas. «As conversações telefónicas triplicaram nestes dias» — informaram.

Retraimento nas fronteiras

— NÃO tem surgido qualquer problema e a Guarda Fiscal está a desempenhar com o maior agrado o papel de visar os passaportes, missão até agora confiada à ex-D.G.S. — informaram esta manhã da fronteira internacional de Valença do Minho a propósito da situação que ali tem sido vivida. Os serviços alfandegários da mesma fronteira adiantaram que está a ser rigorosamente cumprido o horário determinado e que o movimento nestes dias sofreu considerável baixa. «Há um relativo retraimento, quer de entrada quer de saída. As pessoas saem menos e entram menos» acrescentaram.

Pedras Rubras

TROPAS do Batalhão de Caçadores n.º 9, de Viana do Castelo, continuavam esta manhã a aguardar o aeroporto de Pedras Rubras, no Porto, onde ainda não se havia verificado qualquer movimento após o golpe militar que derrubou o Governo fascista de Marcello Caetano.

«Está prevista para hoje a normalização do serviço comercial. Admite-se que um avião da B.E.A., procedente de Londres, possa aterrar cerca das 11 horas» — disse, ao princípio da manhã, o serviço de movimento daquele aeroporto, adiantando que dentro da escala comercial se admitia que a primeira ligação com o aeroporto de Lisboa se viesse a efectuar cerca das 15 horas, através de um voo T.A.P.

Movimento de aviões

Entretanto, a TAP divulgou o seguinte horário de partidas das suas carreiras:

PARTIDAS DE LISBOA: Sal e Bissau, 9 horas; Funchal, 9, 10, 11 e 15, 18, 19, 20; Lourenço Marques, 9 e 45; Luanda, 9 e 45 e 12; Londres, 10 e 40 e 19 e 5; Dusseldorf, 10 e 50; Paris, 10 e 55 e 14 e 35 (via Porto); Bruxelas, 11 e 5; Frankfurt, 11 e 30; Zurique, 11 e 50; Madrid, 12 e 15; Santa Maria e Montreal, 12 e 30; Nova Iorque, 14 e 25; Porto, 14 e 35 e 21 e 50; Ponta Delgada, 17 e 5.

PARTIDAS DE FARO: Londres, 8 e 30; Lisboa e Frankfurt, 9 e 55.

PARTIDAS DO PORTO: Paris, 16 e 5; Lisboa, Recife e Rio de Janeiro, 23 e 20.

IDENTIFICADOS SEIS MORTOS

SÃO já conhecidas as identidades de três indivíduos assassinados por agentes da D. G. S. quando seguiam incorporados numa manifestação junto à sede daquela Polícia, na Rua António Maria Cardoso. Trata-se de José James Hartelley Barneto, de 37 anos, casado, natural de Vendas Novas e que residia na Avenida João Branco Núncio, 3, 1.º, dir.º, Flamenga, Vendas Novas; Fernando Luís Barreiros dos Reis, de 24 anos, natural de Lisboa, soldado da 1.ª Companhia Disciplinar, em Penamacor e João Guilherme Rego Arruda, de 20 anos, estudante, natural dos Açores, com residência na Avenida Casal Ribeiro, 21, 5.º, em Lisboa.

E, enquanto se aguarda a marcação dos funerais destes, seguiu à uma hora de hoje para Vila Pouca de Aguiar, de onde era natural, o préstito fúnebre de Armando Gomes Gonçalves, de 18 anos, igualmente morto por elementos da P. I. D. E./D. G. S., na tarde de quinta-feira, quando a cerca de 150 metros seguia numa manifestação que se formara na Rua António Maria Cardoso.

Entretanto, amanhã, cerca das 9 e 30, do Instituto de Medicina Legal para o Cemitério de Vidago, realiza-se o funeral do único P. I. D. E./D. G. S. morto em consequência das alterações políticas seguintes ao levantamento vitorioso de quinta-feira. Trata-se de António Lage, de 32 anos, abatido junto à sede da organização a que pertencia, após se ter recusado a acatar as ordens de um militar.

Também já se sabe a identidade do agente da P. S. P. morto por um elemento dos fuzileiros, no Camões, na sequência de distúrbios ali registados. Trata-se de Manuel Cândido Martins Costa, de 25 anos, solteiro.

Bettencourt Rodrigues e Tello Polleri já estão em Lisboa

EM voo procedente de Angola chegaram a Lisboa pouco depois da meia-noite, os generais Tello Polleri e Bettencourt Rodrigues, que desempenhavam, respectivamente, os cargos de secretário de Estado da Aeronáutica e de governador da Guiné no Governo deposto pelo Movimento das Forças Armadas.

Bettencourt Rodrigues viajou acompanhado pelo brigadeiro Leitão Marques e coronéis Vaz Antunes e Hugo da Silva, membros do seu Estado-Maior. Após o desembarque foram conduzidos sob escolta, ao que parece para o Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.

Não há perseguição

Acerca do destino dos membros do Governo do anterior regime, esclareceu uma fonte de informação que os mesmos se encontram em liberdade, pois não está no espírito da Junta perseguir quem quer que seja.

— Sabemos — acrescentou — que algumas individualidades desapareceram. Mas isso é apenas um problema das suas próprias consciências.

Com efeito, e para além dos ex-Chefe do Estado e ex-Presidente do Conselho, que juntamente com os ministros do Interior e da Defesa se encontram no Funchal e do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, que pediu para não os acompanhar na altura, por motivos de saúde, todos os demais se encontram na metrópole e em liberdade.

INTERMEDIÁRIO ENTRE SPÍNOLA E MARCELLO

FEYTOR PINTO RELATA HORAS CRUCIAIS

RELATANDO as circunstância em que foi negociada a rendição do prof. Marcello Caetano, o dr. Pedro Feytor Pinto concedeu uma entrevista em exclusivo ao director adjunto da rádio dinamarquesa, Jorge Schellmann — entrevista que hoje é publicada pelo nosso prezado camarada «O Seculo» e de que, com a devida vénia, transcrevemos alguns passos.

Disse o dr. Feytor Pinto que ele e o dr. Pedro Pinto, então secretário de Estado da Informação, muito cedo se tinham apercebido da seriedade da situação na madrugada de 25 de Abril, pelo que ambos tinham decidido escrever ao general Spínola oferecendo-se como medianeiros.

Em resposta a esta missiva, o general Spínola proferiu a seguinte afirmação: «Não fui, não sou, não serei nunca, alguém que tome armas contra o seu Governo. Arriscamo-nos a um banho de sangue. Se o Governo tiver bom senso de encontrar, imediatamente, uma solução para o evitar, eu estou pronto a tentar tomar conta da situação.» Nessa mesma ocasião, o general salientou não ser o chefe do Movimento embora o seguisse e esperasse o desenrolar dos acontecimentos.

Como se tornasse difícil, dada a presença dos vários contingentes militares que teriam de ser atravessados, novo encontro com o ex-secretário de Estado da Informação, o dr. Feytor Pinto, acompanhado pelo secretário daquele antigo membro do Governo, decidiu dirigir-se directamente ao quartel do Carmo, onde, como se sabe, se encontrava o prof. Marcello Caetano.

«Ao chegarmos junto do Convento do Carmo, demo-nos conta de que o ambiente era de tensão e muito grave. Falei ao capitão Maia, que comandava as operações, que logo compreendeu serem prementes os contactos que tentávamos estabelecer e foi notável a tentar encontrar uma solução», acrescentou o dr. Feytor Pinto.

Conseguida a entrada no quartel, logo se soube que o então Presidente do Conselho já estava a par da situação, através de um telefonema do dr. Pedro Pinto. «Demos-lhe pormenores da proposta do general Spínola e confiou-nos uma mensagem, segundo a qual, para que o Poder não caísse na rua, estava pronto a entregar o Governo ao general Spínola e que o esperava no quartel do Carmo.»

Esta atitude foi interpretada pelo dr. Feytor Pinto como um receio de que «o Poder caísse na rua» e a ideia de que «o general Spínola aparecia como único homem possível para evitar essa situação».

Novamente o intermediário se deslocou a casa do general Spínola. O actual presidente da Junta de Salvação Nacional, continua o dr. Feytor Pinto, exigiu uma mensagem escrita. No entanto, um telefonema do prof. Marcello Caetano para a residência do general veio esclarecer a situação.

Nova dificuldade surgia: o general Spínola, que não era chefe do Movimento, pretendia contactar com alguém responsável, antes de agir. Para tanto, o dr. Feytor Pinto teve ainda de deslocar-se à Pontinha onde os oficiais presentes se puseram em contacto com os seus superiores.

Quando, finalmente, o dr. Feytor Pinto regressou ao quartel do Carmo, já lá se encontrava o general António de Spínola, consumando-se então a rendição do Governo.

A entrevista termina com um breve comentário sobre o Movimento, considerando o dr. Feytor Pinto que «foi qualquer coisa de muito previsível».

Silva Sebastião contacta Junta

O coronel Silva Sebastião, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, esteve ontem na Cova da Moura, na companhia dos vice-presidentes eng.[os] Sogismundo Saldanha e Brasão Ferreira, onde se avistaram com o general António Spínola, para lhe transmitirem a decisão que fora tomada na véspera, pela Câmara, por unanimidade, relativamente ao Movimento das Forças Armadas.

O coronel Silva Sebastião recusou-se a revelar o teor da decisão da Câmara, mas tudo leva a crer que a sua presença na Cova da Moura teve a finalidade de comunicar à Junta de Salvação Nacional que a Câmara Municipal de Lisboa se colocava às suas ordens.

FEDERAÇÃO DA LIGA DOS DIREITOS DO HOMEM FELICITA JUNTA

DESLOCOU-SE hoje ao Departamento da Defesa Nacional, Cova da Moura, onde conferenciou com representantes da Junta de Salvação Nacional, o advogado Joaquim Pires de Lima incumbido de transmitir uma mensagem de felicitações em nome da Federação da Liga dos Direitos do Homem e da Delegação Portuguesa da mesma Liga em Paris, chefiada pelo prof. Emídio Guerreiro. Também foi tratada a questão da livre entrada no País dos exilados políticos entre os quais se contam o citado professor, o prof. José Augusto Seabra e o escritor Fernandes Archamaria.

Bancos abrem só para pagar ordenados

Na sequência do comunicado da Junta de Salvação Nacional, que publicámos na nossa primeira edição de hoje, sobre a abertura condicionada dos estabelecimentos bancários amanhã a terça-feira, recebemos do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias o seguinte comunicado, que confirma e completa o primeiro:

De acordo com a orientação recebida da Junta de Salvação Nacional as instituições de crédito funcionarão para o público nos próximos dias 29 e 30 apenas das 14 às 17 horas e tão somente para atender às solicitações necessárias ao pagamento de remunerações de trabalho.

Para satisfazer tais solicitações estarão em Lisboa e Porto abertos os estabelecimentos principais das instituições de crédito e na província as suas agências.

Para este efeito cada empresa deverá contactar telefonicamente com a dependência ou agência em que tiver domiciliada a sua conta indicando o quantitativo global do levantamento e designando o seu representante para aquele fim.

Esse representante terá de se identificar no estabelecimento e apresentar para o levantamento requerido a correspondente justificação documental em duplicado devidamente autenticada pela empresa em ordem a responsabilizá-la pelo destino do levantamento.

GRUPO UNIDO PREPARA

PARTICIPAÇÃO MACIÇA DE AFRICANOS EM ELEIÇÕES ANUNCIADAS PELA JUNTA

BEIRA, 28 (Do nosso correspondente Nunes Cordeiro e agências ANI, L., F. P. e R.) — O eng.º Pimentel dos Santos transmitiu ontem, cerca das 19 horas, os seus poderes de governador-geral de Moçambique ao coronel David Ferreira, secretário-geral deste Estado, depois de instruções recebidas da Junta de Salvação Nacional. A cerimónia realizou-se no edifício do Governo-Geral, em Lourenço Marques, não tendo a ela assistido elementos dos órgãos da informação.

REUNIRAM-se ontem, na cidade da Beira, cerca de 80 democratas com a finalidade de apreciarem os últimos acontecimentos políticos em Portugal. Durante o almoço, que serviu de pretexto para a reunião, usaram da palavra vários convivas, todos eles demonstrando a sua concordância e dando inteiro apoio ao movimento militar que deu lugar à criação da Junta de Salvação Nacional.

Apesar de entre os convivas estarem presentes representantes de várias correntes políticas, o ambiente foi manifestamente de carácter fraterno, tendo sido evitadas tomadas de posição que pudessem prejudicar a unidade necessária no presente momento.

No final da reunião, com o apoio de mais de 50 dos elementos presentes, foi resolvido enviar um telegrama à Junta Nacional de Salvação nos seguintes termos: «Signatários democratas reunidos felicitam Forças Armadas representadas V. Ex.ª pela abolição ditadura e pelo prometido programa restauração liberdades públicas, tomando V. Ex.ª como penhor e garantia execução esse programa. Viva Portugal».

Apoio

DEPOIS de anteontem terem enviado um telegrama de apoio à Junta de Salvação Nacional, elementos do Grupo Unido de Moçambique, de que faz parte a dr.ª Joana Simeão, ex-elemento da Coremo, reuniram-se em Inhambane, Tete, Beira e Nampula, a fim de discutirem factos relativos a uma próxima participação em massa de elementos africanos nas eleições já anunciadas pela Junta.

A estas reuniões, dizem, seguir-se-ão outras, com o mesmo fim, em outros locais deste Estado.

Por outro lado, um grupo de conhecidos democratas de Lourenço Marques enviou o seguinte telegrama à Junta de Salvação Nacional:

«Democratas de Moçambique comunicam o seu apoio a medidas Movimento Forças Armadas para derrubar regime fascista, esperando breve concretização pontos essenciais programa para democratização e resolução crimes problemas coloniais. Concretamente em relação Moçambique e aos seus problemas específicos pedem para controlar por parte do Exército grupos minoritários reaccionários como modo de obstar tentativa de declaração unilateral de independência tipo rodesiano. Medidas militares e diplomáticas destinadas a impedir ingerências de países estrangeiros possivelmente interessados no apoio daquele tipo de independência. Liberdade de Imprensa e de reunião. Libertação de presos políticos. Aplicação convenção de Genebra para guerrilheiros presos. Abolição medidas de segurança administrativa. Saneamento dos quadros de administração pública. Responsabilização governantes públicos demitidos pela gestão financeira de Moçambique.»

Grupo para conciliação

O jornal «Star», de Joanesburgo, informa que um movimento que se denomina como Grupo para a União de Moçambique enviou um telegrama ao general Spínola dizendo: «Associamo-nos com as ideias exprimidas por V. Ex.ª e esperamos poder trabalhar para conseguir a autonomia política em Moçambique através de um diálogo e de contactos pacíficos com as instituições legais criadas pela Junta de Salvação Nacional.»

Segundo a notícia, o grupo, que é chefiado por um advogado goês da Beira, tem membros do executivo que vão desde um destacado negociante branco a um estivador muçulmano, possuindo vários milhares de pessoas nos seus quadros.

O grupo, que reivindicou não ser um partido político mas sim um movimento para a conciliação entre negros e brancos, pretende iniciar muito em breve uma vasta campanha por toda a província de Moçambique.

Novo presidente da Câmara de Lourenço Marques

O governador do distrito de Lourenço Marques, tenente-coronel Custódio Nunes, conferiu ontem posse, no cargo de presidente da Câmara Municipal de Lourenço Marques, ao dr. José Carlos Mercier Marques, que passa a desempenhar estas funções cumulativamente com as de director do Gabinete de Urbanização e Habitação da Região de Lourenço Marques.

O novo presidente do Município substitui o eng.º Emílio Merlens, actual director d Gabinete do Limpopo.

Mensagem do encarregado do governo de Angola

LUANDA, 28 (ANI) — O encarregado do Governo-Geral de Angola, tenente-coronel Soares Carneiro, nomeado pela Junta de Salvação Nacional, proferiu hoje aos microfones da emissora oficial uma mensagem em que afirmou assumir o Governo-Geral de Angola, «com o solene compromisso de garantir nesta parcela do território a sobrevivência da Nação como pátria soberana no seu todo». Afirmou a sua confiança «no patriotismo, capacidade realizadora e harmonia social das populações».

O tenente-coronel Soares Carneiro acentuou: «Reitero as minhas homenagens às Forças Armadas que, com sangue e sacrifício se devotam à defesa da paz.» Disse também: «Acentuo que não podemos subsistir sem um clima de ordem e segurança. Prossigamos, pois, unidos e com uma determinação que considere justamente as exigências de progresso e paz para todos os portugueses.»

Despedida de Santos e Castro

«DESTE modo terminarei a minha carreira política e terminarei da melhor forma», afirmou o eng.º Santos e Castro na sua mensagem de despedida à população de Angola, salientando que «criado e formado no amor da Pátria nestas terras de Angola, onde me nasceram os primeiros sonhos da autêntica grandeza nacional, encerrar toda quase uma vida ao serviço do público e para bem do público (o que nem sempre é a mesma coisa), agarrado à tarefa imensa de fazer crescer Angola, não podia constituir melhor oportunidade».

«Virada a Junta de Salvação Nacional — como consta das suas das suas proclamações — para os supremos interesses da Nação, e até por algumas das ilustres figuras que conheço e dela fazem parte, não posso deixar de abandonar as funções convicto de que Angola vai continuar a marcha imparável do seu progresso. Os homens de Angola não se podem deter nos seus esforços», declarou o eng.º Santos e Castro.

E continua a mensagem de despedida:

«Como português, só posso desejar de todo coração que assim suceda e que Deus me dê vida suficiente para vê-lo.

«Ninguém poderá esperar neste momento de mágoa pessoal que me ponha a referir este inesquecível ano e meio em que efectivamente governei Angola, nem o quanto deixei por aí lançado em obra útil, nem a tarefa delicada de construir a estrutura política resultante do estatuto que entrou em vigor no dia 1 de Janeiro do ano passado, nem as perspectivas que ficam abertas à promoção social e ao desenvolvimento económico. Todos em Angola sabem. Isso basta à minha consciência.»

Depois de saudar os seus colaboradores, funcionários e órgãos de informação, diz: «E ao dizer adeus à população deste Estado português, cumpre-me desejar à Junta de Salvação Nacional — que cumprimento respeitosamente — que faça do Portugal todo o grande País que pode ser.»

A terminar:

«Viva Angola como terra de todos e de progresso certo. Viva Portugal e o futuro que merece.»

O eng.º Santos e Castro e sua família devem partir para Lisboa na segunda-feira, no paquete «Infante D. Henrique».

Agricultores pensam em Rebocho Vaz

SEGUNDO corre em certos meios de Luanda, estão a ser angariadas assinaturas de pessoas ligadas aos sectores culturais para o envio de um telegrama de apoio ao general Spínola. Entretanto, um grupo de agricultores da região do Uíge, pensa contactar o presidente da Junta pedindo a nomeação de Rebocho Vaz para o Governo-Geral de Angola.

Por outro lado, também em Luanda um grupo de antigos alunos do Liceu Salvador Correia, ligados a alguns elementos de associações económicas, chegaram a movimentar-se no sentido de pedir à Junta a manutenção de Santos e Castro no Governo-Geral.

Manifestação de apoio em Benguela

REALIZOU-SE, ao princípio da noite de ontem, na cidade de Benguela, uma manifestação de apoio à Junta de Salvação Nacional. A multidão concentrou-se em frente do edifício dos Paços do Concelho, tendo-se deslocado deputações e habitantes de todo o distrito.

O comício iniciou-se com o hino nacional, entoado por todos os presentes. Entre outros, discursaram José Tavares, Sampaio e Silva, dr. Carlos Costa, dr. Urbano Frestas e, a terminar, o tenente-coronel Costa André, presidente da Câmara Municipal de Benguela.

O povo manteve-se sempre dentro do maior civismo, interrompendo frequentemente os oradores, batendo palmas e gritando vivas à Junta de Salvação Nacional, ao general António de Spínola, a Angola e a Portugal.

Todos os oradores manifestaram de forma clara e inequívoca a certeza de «uma Angola progressiva e portentosa, no contexto de um Portugal renovado e de uma Pátria lusíada pluricontinental».

Segundo o correspondente da emissora oficial, foi «uma verdadeira manifestação de amor pátrio, salientando-se as palavras ponderadas e serenas do dr. Frestas, empolgando toda a assistência».

A manifestação terminou com vivas ao general Spínola, a Angola e a Portugal, voltando a ser entoado o hino nacional.

No fim, formou-se grande cortejo automóvel, que percorreu ruidosamente as ruas da velha cidade de São Filipe de Benguela.

Censura funcionava ainda ontem em Angola

ASSINADO por um grupo de jornalistas, foi enviado ontem à tarde, ao presidente da Junta de Salvação Nacional, o seguinte telegrama:

«Jornalistas de Angola regozijam com a abolição da censura e exame prévio à Imprensa, que vem satisfazer os legítimos anseios dos profissionais da informação. Comunicamos a V. Ex.ª que, pelo menos até à altura da expedição da presente mensagem, a censura não deixou de funcionar em Angola».

Comunicado das Forças Armadas da Guiné

COMUNICADO do Comando-Chefe das Forças Armadas na Guiné: «Pouco depois de o Movimento das Forças Armadas haver exigido a demissão do general Bettencourt Rodrigues dos cargos de governador e comandante-chefe, o novo comandante-chefe interino, comodoro Almeida Brandão, enviou a todas as unidades militares estacionadas na província a seguinte mensagem: Ao assumir as funções de comandante-chefe interino, em meu nome e no do Movimento das Forças Armadas, saúdo os camaradas das unidades de Terra, Mar e Ar, com a certeza de todos estarmos unidos, firmes e vigilantes na defesa dos sagrados princípios que orientam a patriótica actuação das Forças Armadas da metrópole, com a qual estamos inteiramente solidários.»

Calma em Cabo Verde

EM todo o arquipélago de Cabo Verde a população acompanha com o maior interesse a evolução dos acontecimentos resultantes da vitória do Movimento das Forças Armadas. Não se registaram, porém, até agora, manifestações de qualquer espécie.

PRESIDENTE DA C. M. DA MOITA REPUDIA ACUSAÇÕES

Do presidente da Câmara Municipal da Moita do Ribatejo recebemos a seguinte carta:

«Tendo tido conhecimento, através da edição de 27 de Abril de «A Capital», de um comunicado do Movimento Democrático do Barreiro, segundo o qual durante uma manifestação realizada o meu nome era envolvido, venho declarar o meu inteiro repúdio pelas falsas afirmações produzidas e afirmar que o meu trabalho de 12 anos neste concelho, bem à vista de todos, foi intensamente dedicado ao progresso da sua população.»

O papel da E.P.A. de Vendas Novas

A Escola Prática de Artilharia, instalada em Vendas Novas, desempenhou um papel importante no Movimento de 25 de Abril. A quase totalidade dos oficiais da unidade, sob o comando do capitão Santos Silva, assenhoreou-se da situação no quartel 50 minutos antes da meia-noite do dia 24 fazendo sair pouco depois uma poderosa força constituída por uma bateria de bocas de fogo e uma companhia motorizada, que tomaram o caminho de Lisboa, onde desempenharam papel de muito relevo nos acontecimentos, nomeadamente ocupando posições chave na Trafaria e em Belém.

A foto representa uma concentração de tropas da E. P. A. na praça principal de Vendas Novas, onde foram entusiasticamente aplaudidas pela população. O comando interino da unidade foi entregue ao major Rui Folhadela de Macedo Rebelo.

No Largo do Regedor um oficial recomenda calma à multidão e pede que não se cometam exageros na denúncia de suspeitos ex-agentes da D. G. S.

OPTIMISMO EM MARROCOS

RABAT, 28 — Segundo um jornal muito próximo das posições governamentais marroquinas, o «Maroc-Soir», o novo regime português «tem a sua sobrevivência dependente exclusivamente da política que que seguir em Africa.

O jornal afirma-se optimista, pois, em sua opinião, os novos responsáveis de Lisboa parecem «render-se à voz da razão ou, afinal, à voz do próprio povo português».

Esperança no Gabão

LIBREVILLE, 28 (F. P.) — A secção política do Partido Democrático do Gabão, reunido na sexta-feira sob a presidência do presidente Bongo, afirma que os acontecimentos em Portugal «merecem ser saudados como a vitória dos povos oprimidos de Angola, Moçambique, São Tomé, Guiné-Bissau e ilhas de Cabo Verde sobre o colonialismo português moribundo».

Acrescentou ter esperança de que o novo Governo de Lisboa «inicie o diálogo necessário com os representantes autênticos das antigas possessões portuguesas de Africa, tendo em vista a sua independência».

Posição de Lagos

LAGOS, 28 (F. P.) — A imprensa nigeriana é unânime em considerar que o golpe de Estado das Forças Armadas portuguesas poderá provocar uma mudança na política colonial de Lisboa. Os jornais de Lagos não deixam, porém, de recomendar aos «combatentes da liberdade» dos territórios portugueses que continuem lutando.

Na esperança de que Lisboa e os movimentos de libertação passem às negociações, os jornais convidam por fim a Organização de Unidade Africana a aumentar o seu auxílio financeiro e diplomático aos «combatentes da liberdade».

Comunicado congolês

BRAZAVILLE, 28 (R.) — O Congo continuará a apoiar movimentos nacionalistas africanos nos territórios portugueses enquanto o novo regime de Lisboa não aceitar a independência total e incondicional das suas colónias africanas — anunciava ontem um comunicado do Governo.

O comunicado acrescentava que os acontecimentos em Portugal foram resultantes da impopularidade da oligarquia governativa e de um reconhecimento geral das vitórias obtidas pelos movimentos de libertação na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

O Governo disse ter tomado nota das declarações do novo «leader» português, general António de Spínola, concernentes a uma solução política para a questão africana, bem como as intenções do regime em restaurar a liberdade em Portugal.

O Congo considerou sempre os regimes portugueses de Salazar e de Marcello Caetano como os nostálgicos herdeiros do nazismo alemão e hitleriano e do fascismo italiano de Mussolini — concluía o comunicado.

P. A. I. G. C. VIGILANTE

DAKAR, 28 (F. P.) — «Rádio Libertação», estação emissora do P. A. I. G. C., chamou hoje de manhã, em língua portuguesa, os seus combatentes à vigilância. «Devemos estar mais vigilantes do que nunca, disse o comentador. Não devemos esquecer que o inimigo continua presente (...) e que esta presença é um acto de guerra, uma agressão permanente contra o nosso povo, uma agressão que exige de nós que não lhe permitamos um só minuto de tranquilidade».

«Rádio Libertação» declarou mais que o P. A. I. G. C. «saudava com simpatia e orgulho o regresso a um regime democrático em Portugal». Antes, a estação de rádio fizera um apelo aos soldados portugueses para reconhecerem que só a independência da República da Guiné-Bissau e o seu reconhecimento por Portugal pode trazer a paz».

EFEMÉRIDES

DIA 28 DE ABRIL

1717 — A fim de auxiliar a República de Veneza na luta contra os turcos partiu de Lisboa, sob o comando do conde do Rio Grande, a segunda expedição portuguesa

1738 — Pela bula «In eminenti» o papa Clemente XII condenou a Maçonaria

A CAPITAL

Representante da Rodésia desmente «concepção popular»

BULAWAYO, 28 (R.) — O representante diplomático da Rodésia em Portugal, coronel W. M. Knox, disse hoje que existe uma vasta perspectiva para aumento de comércio entre os dois países, «uma vez que temos tantos outros laços que nos unem».

O coronel Knox desmentiu que a sua missão fosse o «ponto fulcral» das operações de transgressão às sanções contra a Rodésia.

Frisou pretender desmentir aquilo que se tornou uma errada concepção popular — que a missão era o centro dos esforços para transgredir as sanções económicas impostas pelas Nações Unidas depois da Rodésia ter declarado unilateralmente a independência da Inglaterra em 1965.

«Um regime esclarecido»

JOANESBURGO, 28 (UPI-ANI) — «Portugal está possivelmente a entrar na era mais crítica da sua conturbada história» — escreve hoje o jornal «The Star», de Joanesburgo.

Segundo o correspondente político daquele diário sul-africano, este facto foi posto em relevo pelo golpe militar, que — acrescenta — «instalou um regime esclarecido no mais firme aliado da Africa do Sul e um dos seus maiores escudos contra o ataque terrorista proveniente do Norte.»

«O Governo sul-africano tem sido por várias vezes advertido pelos seus próprios peritos neste campo, que a Africa do Sul não pode vencer a batalha contra uma força de guerrilheiros invasores, a menos que tenha a lealdade e o apoio do seu próprio povo negro» — afirma a terminar o «Star».

BRASIL RECONHECE JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

BRASÍLIA, 28 (F.P. e ANI) — O Brasil reconheceu ontem a Junta Militar portuguesa chefiada pelo general António de Spínola — anunciou o Ministério das Relações Exteriores daquele país. Com efeito a Junta de Salvação enviara uma nota ao Governo brasileiro a dizer que a Embaixada portuguesa apresentava os seus mais atenciosos cumprimentos ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil e tinha a honra de lhe comunicar que, na madrugada do dia 25, fora constituída em Portugal uma Junta de Salvação Nacional, a que preside o general António de Spínola.

Numa resposta que não menciona ainda o reconhecimento oficial mas que equivale, segundo alguns especialistas, a um reconhecimento «de facto» do novo regime, o Governo de Brasília declara ter tomado nota da «constituição de uma Junta de Salvação Nacional presidida pelo general António de Spínola e da próxima nomeação de um Presidente da República que, por sua vez, designará um Governo provisório civil e preparará a realização de eleições para uma Assembleia Nacional Constituinte».

Notam os especialistas que o Governo brasileiro só reconhece formalmente os Governos saídos de golpes de Estado quando estes anunciarem oficialmente que exercem o Poder na totalidade do país e se comprometem a respeitar os seus compromissos internacionais.

Segundo as regras da diplomacia, tal nota é considerada reconhecimento oficial do novo regime.

O representante ministerial afirmou que a Junta Nacional se manifestara satisfeita pelo facto de o Brasil haver sido «o primeiro país no mundo a reconhecer as novas autoridades».

Câmara Parlamentar do Brasil aplaude mudança de regime

ENTRETANTO, a mudança de Governo de Portugal foi aplaudida na Câmara Parlamentar brasileira, através de intervenções dos deputados Fernando Lira, Marcos Freire e Lisaneas Maciel, todos do Movimento Democrático Brasileiro, na Oposição.

Os deputados da ARENA (Governo) preferiram não falar sobre o assunto, esperando que a situação fique mais definida.

O discurso do deputado Fernando Lira foi o mais expressivo, de aplauso à revolução do general António de Spínola, principalmente pelo que o novo Governo se propõe assegurar: eleições directas para a formação da nova assembleia constituinte, garantia dos direitos e liberdades democráticas.

Na Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, o deputado Roberto Gonçalves Lima (M.D.B.) também se congratulou com o povo português pela mudança registada no País.

Reviver de ideais

O jornalista português Paulo Branco, em artigo publicado no vespertino «Última Hora» do Rio de Janeiro considera que a «nova ordem portuguesa revive ideais pregados pelo general Humberto Delgado».

Paulo Branco recorda a campanha eleitoral do general Delgado, que «teve as mesmas bases da proclamação lida na sexta-feira pelo general António de Spínola, ao anunciar a integração de Portugal no século vinte». E lembra também, a figura revolucionária do capitão Henrique Galvão, falecido há anos em São Paulo.

Reconciliação com a O. N. U.

POR seu turno, outro jornalista português, Paulo de Castro, que vive exilado no Brasil há mais de 20 anos, em artigo inserido no mesmo jornal, diz que o novo Governo de Portugal pode e deve criar as condições de uma verdadeira comunidade luso-brasileira.

«Em breve prazo — escreve — Portugal será aquilo que de facto é: um pequeno País da Europa. Certamente que, resolvido o problema ultramarino e com o regime democrático interno, se aproximará do Mercado Comum Europeu. O amparo do Brasil é fundamental para o povo lusitano e deve ser considerado como o ponto mais importante da política externa de Lisboa.»

Paulo de Castro diz ainda que «a política anterior de Portugal vivia num «ghetto», quase que completamente isolado do mundo», e termina:

«Terá que se integrar na vida internacional por reconhecimento dos países, e reconciliar-se com a O.N.U. É de crer que os homens da Junta de Salvação Nacional, cumprindo as promessas feitas e permitindo eleições livres, criem condições a curto prazo, para realizar as aspirações do povo português e dos povos sob domínio colonial.»

CHINA CONGRATULA-SE

HONG-KONG, 28 (F.P.) — Embora indirectamente, a China congratulou-se no sábado com o golpe de Estado das Forças Armadas portuguesas que derrubou o Governo. Na sua primeira reacção ao acontecimento, a agência Nova China, captada em Hong-Kong, lembrou que «a pandilha que estava no poder em Portugal reprimiu durante anos e anos os movimentos de libertação nacional de Angola, Moçambique e Guiné».

«Esta criminosa política não enfraqueceu os movimentos de libertação nacional, antes pelo contrário. Isolou Portugal a nível internacional e teve sérias consequências internas a nível económico e social, provocando um profundo descontentamento na população portuguesa» — acrescenta a «Nova China».

«Foi contra tudo isso que surgiu este golpe de Estado» — conclui aquela agência de Pequim.

«Tenho confiança» — diz o embaixador na Santa Sé

CIDADE DO VATICANO, 28 (EFE-ANI) — «Tenho confiança no Exército do meu país», foi a única declaração feita pelo embaixador de Portugal junto da Santa Sé, dr. Eduardo Brasão, antes de partir de Roma com destino a Paris.

O dr. Eduardo Brasão, que representa Portugal no Vaticano desde 1968, não abandonará a sua Embaixada por motivos relacionados com os recentes acontecimentos registados em Portugal, e esta viagem a Paris, onde permanecerá algum tempo, estava programada há um mês.

«A Santa Sé segue com viva atenção a situação em Portugal», declarou anteontem o informador oficial do Vaticano, professor Federico Alessandrini, que desejou uma «solução justa para os problemas que se deparam ao País».

EFEMÉRIDE

DIA 28 DE ABRIL

1364 — Morreu Guilherme Tell, libertador dos suíços

1506 — Chegaram à Corunha, a fim de tomarem posse do governo de Espanha, terminando com a regência de Fernando, «o Católico», Filipe I e Joana, a Louca

A CAPITAL

EFEMÉRIDE

DIA 28 DE ABRIL

1686 — Perante a Sociedade Real de Londres, Isaac Newton expõe a sua teoria sobre a gravitação universal

A CAPITAL

Embaixador entrega carta ao Foreign Office

LONDRES, 28 (R.) — A Embaixada portuguesa em Londres enviou hoje uma carta ao Ministério dos Estrangeiros inglês, informando-o do estabelecimento da Junta de Salvação Nacional, instituída para governar Portugal — anunciaram ontem, em Londres, entidades inglesas.

Essas entidades explicaram que a carta ainda não foi publicamente declarada pelo Foreign Office e que a sua aceitação não constitui nem implica o reconhecimento do novo regime português.

Acrescentava que a questão de Inglaterra reconhecer o novo Governo português tem ainda de ser considerada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Comentários do «Sunday Telegraph»...

LONDRES, 28 (R.) — Num artigo de fundo da sua edição de hoje, o jornal conservador «Sunday Telegraph» diz que Portugal podia ter imposto a paz em Moçambique se lhe dessem mais tempo.

No entanto, o repúdio da política africana de Portugal pelo general António de Spínola, o presidente da Junta Nacional de Salvação Pública, significa que os portugueses «são agora livres de confessar que perderam a vontade de travar batalhas sem esperança. Por conseguinte, o caminho está aberto para uma solução política, desta ou daquela forma.

«Com tempo, a tradição portuguesa de não racialismo, fortificada por gerações de casamentos mistos, poderia vir a provar-se suficientemente forte num território como Moçambique para impôr uma paz equilibrada.

«Infelizmente, o papel até agora desempenhado pelos guerrilheiros de inspiração comunista, e a bênção moral que lhes é dada pela opinião pública liberal no Ocidente, apontam, em vez dessa paz racial equilibrada, para uma tentativa de tomada do Poder pelos nacionalistas negros.»

O jornal dizia que a eleição de membros anti-«apartheid», do Parlamento em seis assembleias de voto predominantemente brancas da África do Sul, no dia antes do golpe militar de Lisboa, representam um «raio de luz».

O «Telegraph» finaliza o seu artigo desta forma: «Seria uma das ironias mais cruéis da história se esse raio de luz fosse extinguido pelo casamento de Portugal, à custa de armas, com a democracia.»

... e do «Observer»

O «Observer», liberal, na sua edição de hoje, diz: «Parece improvável que a nova Junta governativa em Lisboa ofereça termos que sejam imediatamente aceitáveis para os movimentos africanos de libertação.

«Os movimentos africanos de libertação nos territórios de Portugal em África não estão unidos mas representam uma ameaça para a África do Sul e para a Rodésia.

«O primeiro efeito do desabar do império português será presumivelmente levar os grupos governativos da África do Sul e da Rodésia a uma cooperação militar ainda mais íntima, levando-os também a endurecerem ainda mais os seus já rígidos sistemas de Governo.

«O regime sul-africano, à primeira vista, afigura-se suficientemente forte para poder manter a sua supremacia por meio de força bruta e da implacável eficácia de um estado policial moderno.»

O jornal acrescentava: «Mas se a África do Sul e a Rodésia querem evitar uma eventual guerra civil como aquela que nos últimos treze anos se desencadeou nos territórios portugueses, nesse caso os dirigentes brancos devem fazer uma nova e radical avaliação à sua política.»

Apoio dos portugueses do Uruguai

MONTEVIDEU, 28 (F. P.) — Residentes portugueses no Uruguai enviaram ao general Spínola um telegrama de saudação às Forças Armadas que derrubaram o «regime obscurantista e de terror».

A mensagem, firmada por Aurélio Martins em nome de um sector da colectividade portuguesa, declara: «Democratas portugueses residentes na República Oriental do Uruguai saúdam vitória Forças Armadas portuguesas contra regime obscurantista e de terror como condição fundamental para reconstruir um Portugal livre e democrático.»

«Exemplo português vai influenciar outros países» — diz «New York Times»

NOVA IORQUE, 28 (F. P.) — O «New York Times» consagra hoje um novo editorial ao «tremor de terra político» que acaba de sacudir Portugal e às ondas de choque que não deixarão de se fazer sentir em Espanha, na Grécia e em África.

Segundo o influente jornal novaiorquino, o programa anunciado pelo general Spínola encorajará certamente os elementos dissidentes espanhóis — talvez mesmo certos dirigentes militares — a lutarem pela liberalização do regime a fim de evitar o caos após o desaparecimento do general Franco.

Mesma situação na Grécia, escreve o «Times», onde os oficiais se inquietam com a repressão. «Se Portugal regressa à democracia, salienta o jornal, a Grécia, como parceiro da N. A. T. O., sofrerá uma maior pressão da parte dos outros membros da Aliança que continuam a levar a sério o princípio de protecção da liberdade.»

O «Times» nota que é sobretudo em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau que as coisas parecem dever precipitar-se com repercussões directas sobre a Rodésia e a África do Sul.

«Se Portugal propusesse a autodeterminação aos oito milhões de habitantes de Moçambique e iniciasse a retirada das suas tropas, escreve o «Times», soaria a última hora para os brancos da Rodésia, onde os pretos são vinte vezes mais numerosos. Além disso, uma tal iniciativa portuguesa suprimiria uma das zonas-tampão mais importantes que servem para proteger o Governo branco da África do Sul.»

ESPANHA APLICA «DOUTRINA DE ESTRADA»

MADRID, 28 (F. P.) — Quarenta e oito horas após o golpe de Estado militar que pôs termo a meio século de ditadura civil, a Espanha continua a seguir com atenção a evolução dos acontecimentos no «País irmão». Apesar da estabilidade da situação reinante em Portugal, a verdade é que não foi ainda tomada nenhuma posição oficial.

Oficialmente, a política espanhola em relação ao novo regime português será a da «doutrina Estrada» (do nome do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros mexicano): não julgar as mudanças políticas ocorridas num determinado país e manter relações com o novo Governo sem fazer qualquer declaração formal de reconhecimento. O Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol considera, além disso, que ainda é prematuro comentar a situação em Portugal, tanto mais que se trata de um «país amigo».

No Conselho de Ministros de sexta-feira, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Cortina y Mauri, fez uma comunicação acerca dos acontecimentos em Portugal, mas mais nada se sabe.

O comunicado do Ministério da Informação põe ao mesmo nível os três pontos abordados pelo ministro Cortina y Mauri: Portugal, a situação pré-eleitoral em França e as relações hispano-líbias.

Pacto ibérico

O golpe de Estado das Forças Armadas portuguesas põe o seguinte problema: o Pacto Ibérico, que liga as duas nações desde 1939, poderia ser invocado pelo antigo regime para pedir ao Governo de Madrid que agisse contra a revolta.

Do lado espanhol, a resposta é não, pois trata-se de um pacto que, antes de mais, ordena a não agressão e a amizade entre os dois países.

Segundo interpretação espanhola autorizada, o protocolo adicional ao Pacto Ibérico, assinado a 29 de Julho de 1940, prevê que os dois países «se obriguem a chegar a um acordo (...) de cada vez (...) que ocorram factos que, pela sua natureza, possam (...) constituir um perigo para a segurança ou a independência de uma ou da outra parte», não poderia também justificar legalmente uma intervenção espanhola.

Segundo os especialistas, é provável que a Espanha dê provas de realismo nas suas futuras relações com Lisboa, tanto mais que já mantém relações com países tão diametralmente opostos às suas concepções, como os países de Leste ou a China.

No entanto, julgam os mesmos que os acontecimentos ocorridos no país vizinho constituem motivo de preocupação para o Governo de Madrid, que deste modo se arrisca a ver florir uma renovação democrática que em muito ultrapassa a lenta liberalização ou «abertura» prometida pelo presidente do Conselho, Arias Navarro.

Isolamento

A par desta eventualidade segue uma outra. François Mitterrand, candidato único da esquerda francesa, poderá muito bem assumir a presidência do outro país vizinho. Tudo isto poderá levar o actual Governo espanhol a um isolamento entre dois países dotados de regimes com os quais não deverá sentir grandes afinidades políticas.

A nível diplomático, Portugal e Espanha estão apenas representados por encarregados de negócios. Os dois embaixadores titulares foram afastados por terem atingido o limite de idade. A nomeação dos seus substitutos revestir-se-á decerto de significado político.

As únicas reacções registadas até agora em Espanha são as dos jornais, que não se cansam de elogiar o general Spínola, chamando-lhe por diversas vezes «De Gaulle português». Põem também em relevo não só as suas qualidades militares, mas igualmente a estatura de homem de Estado que possui. Salientam, por último, que o novo homem-forte de Portugal atribui a erros passados a política pessoal do prof. Marcello Caetano.

PAÍS MANIFESTA APOIO A JUNTA DE SALVAÇÃO

A população de Coimbra veio para a rua manifestar o seu apoio ao Movimento

CENTENAS de pessoas estiveram de vigília na noite passada junto da vivenda que foi sede da Delegação da D. G. S. de Coimbra, dispostas a aguardar o tempo necessário até chegar a hora, ainda não determinada, da saída para Caxias dos agentes daquela ex-corporação policial política ali detidos.

Na tarde de ontem, milhares de manifestantes afirmaram o seu apoio ao Exército e repúdio pela extinta D. G. S. Entretanto, oito automóveis pertencentes a elementos que lhe eram afectos foram desmantelados e as conhecidas matrículas exibidas pelas ruas da cidade. Numa das viaturas foi encontrada uma arma de fogo.

A placa metálica com os dizeres «Direcção-Geral de Segurança — Delegação de Coimbra» foi arrancada do muro do jardim da vivenda e igualmente passeada nas mãos de manifestantes, mas com as seguintes palavras: «Liberdade, sim...»

O coronel Rafael Durão, depois de ter assumido o comando da Região Militar, falou aos manifestantes aglomerados na mesma artéria do Quartel-General, um pouco mais adiante do edifício que foi sede da D. G. S. Lembrou que liberdade envolve justiça e que esta será feita depois de culpa formada. Fundamentando o M. F. A., disse: «Estávamos num país com legalidade, mas sem legitimidade. O Estado era forte, mas ilegítimo.»

O tenente-coronel pára-quedista Ângelo e Sousa, que acompanhou o novo comandante, mandou recolher a polícia de choque, cuja presença junto dos manifestantes ocasionou alguns incidentes. Ao dirigir-se a um grupo de manifestantes, alguém lhe disse: «Meu tenente-coronel, quando andei nos pára-quedistas ensinaram-me que o inimigo se deve eliminar. Acho, portanto, que deviam ser eliminados os agentes da D. G. S.»

— Já o estão — respondeu o oficial.

Por toda a cidade foi distribuído, ontem à tarde, um comunicado do Movimento Democrático de Coimbra, onde se diz que a situação actual exige a formação de uma frente unitária de actuação.

O coronel Durão recebeu ao fim da tarde seis elementos do M. D. C., com quem trocou impressões sobre questões de interesse imediato.

O Conselho Regional de Coimbra da Ordem dos Médicos reuniu-se à tarde em sessão extraordinária. Em comunicado, entre outros pontos, manifesta o seu apoio ao programa da Junta de Salvação Nacional e convoca uma assembleia geral onde se irá deliberar sobre a atitude a tomar em relação aos médicos da ex-D. G. S. Também os problemas de saúde e assistência do País serão tratados.

Manuel Alegre, refugiado na Argélia, esteve anteontem em contacto telefónico com sua mãe, residente em Coimbra. Manuel Alegre e ainda José Ervedosa e Fernando Ribeiro Santos, também estes dois últimos naquele país, desejam regressar a Portugal.

Évora

ÉVORA não tem memória de ter assistido a uma manifestação como a de ontem. Milhares de pessoas, ao fim da tarde, concentradas na Rua Serpa Pinto e Praça do Geraldo, receberam, com indescritível júbilo, dois presos políticos então libertados: António Gervásio, de Montemor-o-Novo, detido há mais de 12 anos e Dinis Miranda, encarcerado há mais de sete.

Vitoriando as Forças Armadas, em delirante entusiasmo, manifestantes desfilaram pelas ruas da cidade, sem que se verificasse qualquer incidente. Alguns populares, chorando de emoção, beijavam os militares que se misturavam na multidão.

O Estado-Maior da 3.ª Região Militar distribuiu, entretanto, uma nota segundo a qual e na sequência de ordens da Junta de Salvação Nacional era exonerado do cargo de comandante o brigadeiro António Augusto Carrinho, substituído pelo coronel de cavalaria Fontes Pereira de Melo, que, no início da tarde de ontem, assumiu as suas novas funções.

Tomar

NA Praça da República, pelas 18 horas, decorreu uma manifestação de regozijo e apoio ao Movimento das Forças Armadas, com centenas de pessoas, posteriormente, percorrendo as ruas da cidade, empunhando dísticos e exultando de alegria. Quando a multidão parou junto ao Quartel-General, sob calorosas aclamações apareceu à varanda do edifício o coronel Francisco José Morais, que ontem ocupou o cargo de comandante da Região Militar que, após agradecer os aplausos dos manifestantes, solicitou a continuação do civismo da população até agora demonstrado.

Faro

MOMENTOS inolvidáveis conheceu, na tarde de ontem, a população da capital algarvia, quando enorme multidão, acompanhada pela Banda de Artistas de Primavera de Loulé, empunhando cartazes e bandeiras nacionais, percorreu as ruas da cidade, vitoriando a acção libertadora da Junta de Salvação e das Forças Armadas. A manifestação foi acompanhada por centenas de automóveis que, com estridentes «claxons», tornavam mais emotivo e excitante o ambiente.

O dr. Luís Filipe Madeira, candidato da oposição em 1969, usou da palavra em frente do Regimento de Infantaria 4, agradecendo ao comandante Horácio Pimentel a acção das Forças Armadas na libertação de um regime quase cinquentenário, tendo a multidão, de seguida, oferecido um ramo de flores ao oficial. Cerca das 19 horas, o povo entoou o hino nacional.

Nazaré

DECORREU, pelas 18 horas, uma marcha de reconhecimento e apoio às Forças Armadas, que percorreu as ruas da vila, na qual se integrou elevado número de manifestantes que, durante mais de duas horas, com impecável compostura, desafiou a chuva e o frio.

O ambiente é o melhor possível, verificando-se perfeita harmonia entre a P. S. P., G. N. R., Guarda Fiscal e a população.

Os jornais diários são fortemente disputados, esgotando-se num ápice.

Democratas do Porto instalam-se na ex-A. N. P.

ENORME letreiro com as palavras «Movimento Democrático» ladeado por uma grande bandeira nacional assinalava esta manhã a ocupação da sede da extinta Acção Nacional Popular por democratas daquele Movimento.

«Se a situação se mantiver, com a autorização que já nos foi dada pelas forças militares, tencionamos montar aqui a sede do nosso Movimento», disse-nos um dos componentes do M. D. P.

A ocupação teve lugar pouco depois das 19 horas de ontem por numeroso grupo de trabalhadores.

Saque a cooperativa

NUMEROSO grupo de jovens entrou ontem à tarde, por volta das 17 horas, nas instalações da cooperativa livreira Cidadela, na Rua de Augusto Luso, no Porto, conhecido núcleo de activistas de extrema-direita, destruindo o recheio.

A força militar do Regimento de Cavalaria 6, sob o comando do capitão Novos, tomou depois o edifício sob custódia.

Entretanto, os ocupantes tinham já destruído e lançado à rua documentos, livros, papéis, máquinas, «posters», etc., tendo ainda partido móveis e estantes e todos os vidros.

Entre as justificações apresentadas pelos jovens para a atitude tomada narra-se a circunstância de ter sido ali que foi organizada a «expedição» a Macieira da Lixa, chefiada por Amadeu de Vasconcelos, para gravar a célebre homilia do Dia da Paz do padre Mário de Oliveira, que levou à organização do processo contra o sacerdote pela extinta D. G. S.

Também dali partiram os indivíduos que apedrejaram a residência do bispo do Porto numa «expedição punitiva», como eles próprios a consideraram e que no edifício tinham a base do seu movimento de extrema-direita.

P. S. P. do Porto retoma policiamento

«ESTÁ previsto para amanhã de manhã o retorno do policiamento do Porto por parte da P. S. P., actuando em «novos moldes»», disse-nos hoje o oficial de serviço daquela corporação, adiantando que os elementos da P. S. P. obedeceriam, a partir de agora, a novas directrizes.

FORÇAS MILITARES DETÊM EX-AGENTES DA D.G.S.

Este homem tem colaborado intensamente com as Forças Armadas. Tornou-se já uma figura popular na Baixa

CERCA das 19 horas uma força da Polícia Militar constituída por várias viaturas, subiu a Avenida Pedro Alvares Cabral, em direcção à Infante Santo, onde se levantara a suspeita de que poderia haver atiradores isolados escondidos nos terraços das proximidades do palácio onde está instalado a Defesa Nacional. Segundo nos informou um oficial ali em serviço, os terraços estavam inteiramente sob controlo de atiradores das Forças Armadas, que dominavam naquele local, como em toda a parte, a situação.

Momentos antes tinham sido detidos no Chiado, para averiguações, dois indivíduos suspeitos de serem agentes da extinta D.G.S., um dos quais, ao tentar fugir, foi ferido a tiro. Durante a tarde os soldados do Movimento das Forças Armadas continuaram a prender agentes daquela polícia política, por não se terem apresentado voluntariamente às autoridades.

Agitação na Baixa

CERCA das 17 e 30, a detenção junto do Martim Moniz de três indivíduos suspeitos de serem ex-agentes da D. G. S. originou forte burburinho e a formação de compacta multidão nas imediações. Quando os militares conduziam os referidos indivíduos sob a ameaça das armas, a multidão acercou-se deles tentando linchar publicamente os suspeitos. Nessa altura, para evitar que tal acontecesse, os militares dispararam uma rajada para o ar, solicitando desta maneira a intervenção de outros militares.

Entretanto, dois dos suspeitos foram conduzidos numa viatura militar, a fim de serem identificados. O outro indivíduo, tirado à fúria da multidão, foi introduzid pelas forças militares presentes na esquadra do Largo do Regedor, onde foi identificado, tratando-se, segundo nos informou o comandante da esquadra, de um comerciante. No entanto, perante o olhar e os apupos da multidão ali postada, seguiu numa viatura militar, escoltado, para o Comando da Polícia, para se proceder a uma mais apurada identificação.

Um dos oficiais que comandava as operações, munido de megafone, solicitou a colaboração da população no sentido de esta não «cometer exageros, a ponto de, ao ver um homem correr ou com determinada forma de andar, ou por outros motivos, o acusar e agredir como suspeito de pertencer à P. I. D. E.».

Segundo nos informou o comandante da esquadra mencionada, foram detidos dois indivíduos que se aproveitaram da situação e roubaram carteiras entre os manifestantes.

Enquanto a multidão que se encontrava no Largo do Regedor esperava a saída do detido suspeito, um indivíduo baixo era abraçado pelos populares e beijado por algumas jovens. As objectivas dos fotógrafos e das máquinas de filmar apontavam para ele. Era o José Coutinho. Foi quatro vezes preso pela P. I. D. E. e conhece a maior parte dos agentes.

— Estive muito tempo preso — disse-nos — e conheço-os quase todos. Já denunciei cinco, mas não fico por aqui. Eu vejo-os e depois digo aos militares.

Denunciados pelos vizinhos

Durante o dia de ontem foram ainda detidos em várias zonas da cidade vários elementos pertencentes à extinta corporação, na maioria dos casos apontados aos militares por vizinhos ou outros indivíduos que conheciam as suas ligações com a D. G. S.

Assim, na Rua Poço dos Negros foi preso Licínio Sena, antigo «boxeur» do Ginásio Clube Português e na Calçada do Combro foi detectado um outro agente da D. G. S., inspector Rodrigues, que se entregou às Forças Armadas. Também na Calçada da Bica foi denunciado pelos vizinhos como tendo ligações com a D. G. S. um indivíduo, proprietário de uma loja de electrodomésticos.

Na Praça do Chile, durante a manhã, diversos populares referenciaram dois ex-agentes da D. G. S., um dos quais, ao ser reconhecido, tentou, debalde, sacar da arma que trazia consigo e se pôs depois em fuga na direcção da Rua António Pedro. Detido pela multidão que o perseguiu foi entregue com o seu companheiro à Polícia Militar.

Cerca das 18 horas, no prédio com o n.º 26 da Avenida Custódio Serpa, ao Campo Pequeno, militares do Depósito Geral de Adidos levaram a efeito uma operação que conduziu à detenção de cinco ex-agentes da D. G. S. Sem qualquer troca de tiros, pois os soldados actuaram de surpresa, os suspeitos foram presos sendo-lhes apreendidas as suas armas pessoais e mais algumas pistolas guardadas no interior de uma gaveta. Sensivelmente à mesma hora era também detido no Liceu Passos Manuel outro ex-agente que ali se refugiara.

Por último registe-se ainda a prisão de um porteiro do Hospital de S. José, apontado como informador da citada organização policial, sendo apreendida uma pistola e uma caixa de balas e mais.

Para além destas detenções ocorreram, sobretudo nas zonas da Baixa e Chiado, rebates falsos contra a presença de indivíduos que posteriormente se verificava não terem nunca estado ligados à D. G. S.

D. G. S. extinta

«Relativamente a uma notícia publicada nalguns jornais, a J. S. N. esclarece o seguinte:

1.º — A D. G. S. está extinta;
2.º — As Forças Armadas são accessoradas no arrolamento dos bens daquela extinta Direcção, pelo sr. Coelho Dias, seu ex-inspector superior.»

Busca infrutífera num cemitério do Porto

TUDO nasceu na voz corrente, que foi aumentando de caudal até levar um numeroso grupo de indivíduos a actuar. Dizia-se que num jazigo existente no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, existia uma passagem que facilitou a fuga de vários elementos da extinta D. G. S.

Efectivamente, o referido jazigo, pertença do dr. Tenudo Rangel e família, confina com o muro que divide aquele cemitério e as instalações da extinta corporação, mas após porfiadas investigações nada foi encontrado de suspeito.

«Elementos das Forças Armadas procederam a minuciosas buscas, verificando não haver qualquer túnel ou porta de comunicação entre ambas as partes», disse-nos um informador do quartel-general do Porto.

Não obstante, antes de chegarem as forças militares, uma multidão ávida e curiosa foi engrossando, chegando mesmo a insultar erradamente pessoas que não tinham relações com a desaparecida polícia política.

Major Silva Pais preso com soporíferos na mão

A prisão do director da extinta Direcção-Geral de Segurança, efectuada ontem às 22 horas, na sua residência, na Rua de Moçambique, n.º 52, por uma força militar comandada por um alferes, foi-nos relatada por um seu vizinho, o sr. Joaquim Martins Eusébio, geómetra.

Assim, seis militares comandados por um alferes, chegaram à residência do major Silva Pais, em dois «jeeps», tendo aquele graduado subido as escadas do edifício, juntamente com outros militares, enquanto os restantes se deslocaram para o quintal, a fim de evitar a fuga. Depois de ter batido à porta, apareceu a mulher do major Silva Pais, que afirmou que o seu marido não se encontrava em casa, ao que aquele oficial retorquiu que dava um minuto para que ele aparecesse.

Foi então que, o director da D. G. S. apareceu com um frasco de soporíferos na mão, entregando-se sem resistência, sendo acompanhado pela mulher.

Entretanto, na rua começou a juntar-se muita população gritando «Morte à P. I. D. E.» e «Assassinos», pelo que o alferes, temendo o linchamento, mandou isolar a rua, solicitando o blindado «Chaimite» para o transportar.

Segundo o sr. Martins Eusébio, o major Silva Pais não convivia com a vizinhança e era sempre acompanhado por dois guardas-costas, um dos quais era o agente Brito, preso com uma pistola nas roupas interiores, junto às instalações da Rua António Maria Cardoso.

— O major Silva Pais mandara a criada para férias, para Trás-os-Montes, num automóvel «Citroën» «boca de sapo» — afirmou-nos por último o sr. Martins Eusébio.

Direcção do Sindicato dos Motoristas denunciava sócios à D. G. S.

UM documento que prova terem alguns motoristas sido denunciados à D. G. S. pela anterior direcção do seu sindicato foi ontem encontrado por trabalhadores daquele grupo sócio-profissional, após terem vencido a resistência de um funcionário da sede, de nome Montes, que resistiu a tiro, não tendo provocado acidentes pessoais por mero acaso e foi entregue às Forças Armadas — segundo informação distribuída esta manhã pela comissão directiva do sindicato.

Após a ocupação das instalações do sindicato (Avenida Visconde de Valmor, 34, 1.º, em Lisboa) os trabalhadores receberam, de vizinhos, a informação de que pessoas tinham estado a lançar para o quintal alguns «dossiers» com documentos. Na rápida consulta que os motoristas fizeram, encontraram documentos altamente comprometedores para a direcção, um dos quais, de que nos foi enviada fotocópia, prova como os trabalhadores eram denunciados à D. G. S. pelo próprio sindicato. É do seguinte teor:

«A Direcção-Geral de Segurança. 2615/73 — 7-5-73:

Ex.mos Srs.: De acordo com o que ficou estabelecido na noite de 5 de Maio, com os elementos dessa corporação que estiveram presentes ao acto eleitoral efectuado pelas 21 horas na sala de sessões deste organismo, para a eleição da mesa da assembleia geral e direcção do sindicato, levo ao conhecimento de VV. Ex.as as informações solicitadas.

José de Oliveira Madanços, sócio n.º 17 475, filho de Gaspar Pereira Madanços e de Alcira Lajes de Oliveira, casado, nascido a 21 de Abril de 1935, natural de Gualter — Braga, possuidor da carta de condução n.º 134 523 da Circunscrição de Lisboa de 18 de Maio de 1955, titular do bilhete de identidade nossa mesma data com o n.º 369 452-B e residente em Pinheiro de Loures — Loures.

João Sequeira Branco, sócio n.º 21 637, filho de Joaquim Cardoso Branco, casado nascido a 25 de Outubro de 1930, natural de Salvador-Beja, possuidor da carta de condução n.º 179 505 da Circunscrição de Lisboa de 12 de Dezembro de 1958, titular do bilhete de identidade n.º 233 500 emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa em 7 de Julho de 1970 e residente na Rua S. João de Brito, n.º 9, 3.º, dir.º, na Damaia.

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me com a mais elevada consideração e respeito

A Bem da Nação — O secretário da Comissão Administrativa, Sotero Mendes de Almeida.»

Empregados de escritório na Cova da Moura

NA sequência da tomada das instalações do seu sindicato, na Rua Braamcamp, um grupo de empregados de escritório de Lisboa, em representação da comissão directiva que se constituiu, esteve ontem na Defesa Nacional, na Cova da Moura, para fazer a entrega à Junta de Salvação Nacional de um documento em que se comunicava a tomada do sindicato e as razões que levaram os trabalhadores a tal atitude. O grupo foi recebido cordialmente por um oficial ali em serviço, que passou o respectivo recibo, com selo branco do Ministério da Defesa Nacional.

Simultaneamente a comissão directiva enviou o seguinte telegrama à Junta de Salvação Nacional:

«Trabalhadores Sindicato Empregados de Escritório de Lisboa, apoiando pontos fundamentais do programa das Forças Armadas, na garantia dos direitos do povo português, informa que entraram na legítima posse deste sindicato, expulsando a direcção vil serventuária do Governo fascista derrubado pelo vitorioso Movimento das Forças Armadas. Farão entrega em mão texto primeira informação divulgada pelo Sindicat dos Profissionais de Escritório de Lisboa. Viva o Movimento das Forças Armadas. Viva a classe trabalhadora. Viva Portugal.»

Da comissão directiva, que já convocou uma reunião da assembleia geral para amanhã, às 21 horas, fazem parte Marília Vilaverde Cabral, Caiano Pereira, José Luís Judas, José de Oliveira Hipólito, Jessoe Gomes, Maria do Carmo Teixeira e Ilídio Magalhães Ferreira, dos quais alguns faziam parte da lista que o Governo proibiu de concorrer às últimas eleições do sindicato, para assegurar o triunfo da lista imposta pelo Ministério das Corporações, à frente da qual se encontrava Brás Rodrigues.

APREENDIDO MATERIAL DE GUERRA NA LEGIÃO

Nas dependências de um batalhão da Legião, em Lisboa, militares observam algum do armamento apreendido

— MAS isto é um pequeno arsenal — exclamou o capitão de infantaria Santa Clara ao entrar numa das dependências do 2.º andar do n.º 26 da Rua António Serpa (zona do Campo Pequeno), onde se encontrava aquartelado um destacamento da extinta Legião Portuguesa, tomado de assalto sem resistência, cerca das 16 horas de ontem, por forças do D. G. A. Cinco legionários que se encontravam no interior das instalações entregaram-se voluntariamente ao Exército tendo sido retirados do local numa viatura militar.

Iniciadas as buscas ao aquartelamento da abolida corporação paramilitar, causou surpresa a descoberta de grande quantidade de armamento e munições num compartimento de reduzidas dimensões, onde se encontravam ainda algumas peças de fardamento e utensílios de campanha.

Além de várias pistolas e revólveres de calibres diversos, foram apreendidas uma metralhadora ligeira «Bren», três pistolas-metralhadoras «F B P», seis espingardas «Mauser» 7,9, duas granadas de mão de instrução, pólvora e carregadores de vários tipos carregados com munições. Nas prateleiras de um cofre forte foram ainda encontradas nove pistolas-metralhadoras sem marca definida e pequenos caixotes de munições. O facto de quase todas as armas se encontrarem municiadas deu a entender que a resistência às F. A. devia ter sido a reacção inicialmente prevista pelos legionários detidos.

— A existência deste «covil» foi-nos revelada por um civil, por volta das 15 e 30. Meia hora depois a operação efectuou-se e o quartel caiu nas nossas mãos, sem que se registasse qualquer incidente. Os próprios detidos ofereceram-se para nos auxiliarem nas buscas às instalações — esclareceram-nos o tenente Lúcio e o alferes Paula Ferreira, dois dos oficiais que colaboraram no assalto.

Numa rápida visita que efectuámos ao 2.º andar do n.º 26 da Rua António Serpa, pudemos constatar que o mesmo está dividido em vários compartimentos, uns mais amplos que outros, conforme os fins a que se destinavam. Além do gabinete do comandante, onde pendiam ainda de uma das paredes os retratos do almirante Américo Thomaz e do dr. Marcello Caetano, havia uma sala para reuniões, outra para arquivos, bar, camaratas, uma sala recheada de fardamento e material diverso de campanha, etc. Naqueles dois primeiros salões podiam ver-se mapas e cartas toponímicas da cidade de Lisboa, «croquis» denunciadores dos dispositivos de segurança de alguns aquartelamentos militares de Lisboa, livros e fascículos sobre as mais diversas matérias. Na sala de reuniões ou «sala operacional» foi também encontrada grande quantidade de literatura sobre as torturas hitlerianas, guerra psicológica, revolução nacional-socialista alemã e outras.

De acordo com as informações prestadas por um oficial das F. A. foram recolhidos elementos identificadores de possíveis ex-agentes da extinta D. G. S. e encontrados dois passaportes de um empregado bancário «muito viajado».

No assalto da Rua António Serpa, a força militar, composta por cerca de 40 homens, era comandada pelo capitão Santa Clara. Participaram ainda na operação o tenente Lúcio, alferes Paula Ferreira, aspirante Cordeiro e os furriéis Duarte Silva, Leonardo Mouro, Vargas Lopes, Marques e Sousa.

Operação em Cabo Ruivo

AS buscas ainda não tinham terminado no 2.º andar do n.º 26 da Rua António Serpa e já se anunciava a existência de um Centro da Legião em Cabo Ruivo. Confirmada a informação, deslocou-se para aquela zona uma força militar composta por um grupo de pessoal do D. G. A. e cadetes da Escola Prática de Mafra, comandada pelo capitão Silva Marques.

Segundo as declarações que nos prestou aquele oficial, «verificou-se que o «Centro» estava instalado nos domínios da Sacor». Na altura em que a tropa chegou ao local indicado, verificou que o pessoal que fazia parte da extinta L. P. estava desfardado e consideravam-se empregados da referida empresa petrolífera, o que efectivamente foi confirmado pelas entidades oficiais.

— Não havia perigo — prosseguiu o capitão Marques — de o material de guerra ali existente cair nas mãos de forças reaccionárias. Entretanto, está em estudo a integração das forças da extinta Legião que desempenhavam há largos anos missões de defesa em pontos sensíveis na própria empresa como forças de guarda.

O capitão Silva Marques afirmou-nos ainda que o material encontrado não equipava mais do que um pelotão.

Detenções em Sete Rios

No momento da ocupação da Escola Técnica da ex-D. G. S., em Sete Rios, foram detidos dois legionários e ainda o proprietário de um restaurante e um ourives daquela zona. Na residência de um dos legionários, que exercia as funções de chefe de armazém do quartel da Penha de França, os fuzileiros que efectuaram a sua detenção encontraram oito pistolas-metralhadoras, uma metralhadora, um capacete de combate e fardamentos da extinta organização. Este indivíduo ofereceu alguma resistência à introdução dos militares na sua casa, acabando por ser dominado.

MÁRIO SOARES R[illegible]

CHEGOU ao fim da manhã a Lisboa o dr. Mário Soares, conhecido dirigente político que há alguns anos se encontrava exilado. O secretário-g[illegible] do Partido Socialista português era aguardado por uma compacta multidão, entre a qual se destacavam muitas figuras conhecidas pela sua o[illegible]ção ao regime abolido no passado dia 25. Antes de partir de Paris, o dr. Mário Soares tinha manifestado a sua esperança no papel que a J[illegible] de Salvação Nacional poderia desempenhar na restituição do Poder às instituições e na garantia da liberdade de pensamento e de expressão. O [illegible]sso de Mário Soares foi deliberado pelo conselho governativo do Partido Socialista português.

PALMA INÁCIO ESTEVE PRESENTE

— Sou amigo pessoal de Mário Soares. É um homem que tem vivido na clandestinidade, tal como eu. Um [illegible] que lutou todos estes anos contra o regime. Actualmente a L.U.A.R. mantém-se na expectativa. O comunicado das [illegible] Armadas é não só democrático como também progressista. Não sei se a Junta irá cumprir o que prometeu — afi[illegible]

Palma Inácio e Iva Delgado, viuva do general Humberto Delgado, esperam Mário Soares em Santa Apolónia

«Uni[illegible]

— PENSO que a acç[illegible] das Forças Arm[illegible] das não se p[illegible] c assif car como um golp[illegible] de Estado, mas sim de u[illegible] evantamento nacional e pa[illegible] triótico. As Forças Ar[illegible] das vieram ao encontro [illegible] País e puderam rea zar [illegible] mais profunda aspiraç[illegible] nacional que era termi[illegible] com o fascismo portugues[illegible] Fizeram-no e honra lhes se[illegible] ja. O programa que a Jun[illegible] de Salvação Nacional to[illegible] nou público é uma exce[illegible] lente base de trabalho [illegible] declarou-nos esta madrug[illegible] da no exacto momento [illegible] que, ao fim de quatro a[illegible] de exilio, regressava [illegible] País, o dirigente do Partid[illegible] Socialista Português Má[illegible] Soares. Era a primeira d[illegible] c aração pública daquele d[illegible] r gente colhida por um r[illegible]

RUI LUÍS GOM[illegible]

"DIA 6 EST[illegible]

— REGRESSO a Portugal no próximo dia 6 de Maio, se não o fazendo mais cedo devido às obrigações assumidas no Instituto de Matemática da Universidade do Recife — declarou o prof. Rui Luis Gomes à «A Capital», numa entrevista concedida esta manhã pelo telefone, da sua casa naquela cidade brasileira.

— ESTOU muito satisfeito com as medidas já tomadas pela Junta de Salvação Nacional, as quais abrem o caminho para a instauração de um regime democratico em Portugal. Os portugueses que vivem aqui ainda estão atordoados com o que está a passar-se em Portugal. Muitos nem queriam acreditar — prosseguiu o prof. Rui Luis Gomes, que nos deu a boa nova de que, com ele, regressa também a Lisboa, de amanhã a oito dias, o seu colega José Morgado, que é igualmente exilado político e professor do Instituto de Matemática do Recife.

— Vamos os dois por via aérea, num avião da TAP, depois de arrumarmos uns assuntos com o director do Instituto que já ontem nos chamou para nos pedir informações sobre os magníficos acontecimentos registados nos ultimos dias em Portugal. Tanto eu como o José Morgado, além de professores, somos directores dos Serviços de Graduação do Instituto, cargos que nos vão obrigar a ficar aqui mais alguns dias.

Quando lhe dissemos que a C.D.E. de Lisboa e do Porto já ontem tinham aberto as suas sedes, com plena liberdade e sem qualquer burocracia, o prof. Rui Luis Gomes exclamou, com a voz visivelmente embargada pela emoção:

— Não sabia. Muito obrigado pela informação. É uma informação muito boa.

Regresso à Universidade e à minha actividade de cidadão

O nosso redactor pe[illegible] guntou em seguida ao ilu[illegible] tre académico se tinha in[illegible] tenção de regressar à s[illegible] cátedra da Universidade [illegible] Porto. A resposta foi p[illegible] remptória.

— Evidentemente. [illegible] gresso à Universidade e [illegible] minha actividade de cidadão.

E prosseguiu:

«A Imprensa, a Rádio e Televisão brasileiras t[illegible] dado o maior relevo [illegible] acontecimentos vividos [illegible] Portugal, que causara[illegible] grande regozijo nos me[illegible] dos exilados políticos [illegible]

«A CAPITAL» ENTREVISTA DIRIGENTE SOCIALISTA

[...]REGRESSA A LISBOA

esta manhã Palma Inácio, na estação de Santa Apolónia, onde uma enorme multidão aguardava entusiasticamente o regresso do secretário-geral do Partido Socialista português, dr. Mário Soares.

Entre os milhares de pessoas que ali se deslocaram, encontravam-se os drs. Salgado Zenha e José Magalhães Godinho, Etelvina Lopes de Almeida, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco da Gama Fernandes, Carlos Mendes, Ana Maria Lucas, Fernando Nunes Pereira, da L. U. A. R. e vários outros nomes conhecidos pela sua oposição ao regime deposto. A multidão, que enchia por completo a gare e o largo, entoava o hino nacional empunhando cartazes onde se lia «O povo unido jamais será vencido» e [illegible] 48 anos de terror». O dr. José Magalhães Godinho abraçou efusivamente Palma Inácio que depois foi transportado aos ombros de populares com um cravo vermelho na lapela.

«[U]nidade das Forças Democráticas»

[...]tor de «A Capital» que [illegible] se deslo[illegible] passada à fron[illegible] Sud [illegible] cerca das [illegible] de hoje. Mário Soa[res] [illegible] [illegible] P S P [illegible] Ramos da Costa [illegible]

— Não fa[illegible] ainda com os camaradas não lhe [illegible] nenhuma [illegible] visto que não há [illegible] nosso pl[illegible] [illegible] zermos frente aos graves problemas que o País neste momento enfrenta.

«O meu pensamento vão para os exilados»

Estive na Alem[anha] [illegible] encontrava-me numa visita oficial a convite do Partido Social Democrata Alemão que como sabe é o partido de Willy Brandt que está no Poder na Alemanha por forma a fazer uma visita de quatro dias [illegible] [illegible] o resto da visita e viemos para o País para estarmos mais próximos do [illegible] dos acontecimentos e regressamos a Portugal de comboio — explicou Mário Soares.

«A [primeira] impressão que quero frisar ao franquear as fronteiras de Portugal [illegible] por me poder [encontrar] livre no meu País. O meu primeiro pensamento vai para todos os exilados políticos antifascistas que ainda não puderam entrar e particularmente para aqueles que são os mais responsáveis e os que [illegible]

[illegible] Portel que foi director da «Seara Nova» que é uma grande figura moral que há 48 anos se encontra no exílio e que é necessário que regresse brevemente. [illegible] figuras de um extraordinário prestígio intelectual como os professores Manuel [illegible] [illegible] a presidência da República pela Oposição Democrática que deve regressar ao País o mais urgentemente possível [illegible] muito especialmente pelas suas responsabilidades os nossos camaradas comunistas [illegible] o secretário-geral do Partido Comunista [illegible] em condições de liberdade para poder aqui com o partido exercer a sua actividade [illegible] os homens da Frente Patriótica de Libertação Nacional em particular Fernando Piteira Santos e todas as outras [illegible] cujos [illegible] nem [illegible] pois penso que o seu lugar é em Portugal para [illegible] democracia dos destinos do nosso povo.

Cem mil jovens

Para além das figuras políticas [illegible] há toda uma [illegible] cem mil jovens que [illegible] do País e que têm que regressar a Portugal.

«Nestes quatro anos em que estive no exílio pude encontrar jovens portugueses em toda a parte nas Universidades de toda a Europa [illegible] cientistas e trabalhadores de todos os ramos [illegible] a grande [illegible] intelectual dessa emigração.

«Esses homens que saíram de Portugal como desertores, por se recusarem a fazer a guerra colonial, tem que se lhes dar condições para poderem regressar ao seu País e eu penso [illegible] aqui o [illegible] a terminar o [illegible] socialista.

[...]ES A "A CAPITAL"
[...]TAREI AÍ"

[...] segundo eu próprio [illegible] por telefonemas [illegible] fiz ontem para S. Paulo [pa]ra o Rio. A TV esteve [também] aqui no Instituto con[nosco], a fazer um filme.

[Já] sei que a Junta de [Salv]ação Nacional decidiu [o meu re]gresso à vida académi[ca] com respeito pelos di[reit]os dos estudantes e dos [pro]fessores. Foi a engenheira Virgínia de Moura [que] me telefonou ontem [d]e Portugal, a dar a boa [notíci]a.»

[At]mosfera de autêntica revolução

Comentando depois o clima de alegria vivido ontem pela população em Lisboa e em inúmeras localidades portuguesas, o nosso entrevistado declarou:

— Eu sei, eu sei. Foi admirável. Uma atmosfera de uma autêntica revolução que se verificou aí. Formidável.

E a finalizar:

«Um problema que eu também gostaria que fosse imediatamente resolvido é o da Independência das colónias, com o fim da guerra em Angola, Moçambique e Guiné.»

O prof. Rui Luís Gomes nasceu no Porto em 1905 e licenciou-se e doutorou-se em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, com a classificação máxima. Em 1929 foi nomeado segundo assistente na Universidade do Porto, onde, em 1933, mediante concurso, aceitou o lugar de professor catedrático do 2.º grupo (Mecânica e Astronomia) da Secção de Matemática daquela Universidade. Demitido em 1947 pela ditadura de Salazar, por motivos políticos, pelo que passou a leccionar em universidades do Brasil e da Argentina.

No campo científico a sua actividade situou-se principalmente no sector da Física-Matemática, tendo publicado alguns trabalhos originais, alguns deles de reconhecido valor.

Prof. Rui Luís Gomes, uma das maiores figuras da Universidade portuguesa, largos anos afastada do País. Esta foto foi tirada no aeroporto da Portela em Dezembro de 1972

PRIMEIRO COMITÉ DE ACÇÃO POPULAR "BAPTIZA" PONTE DO TEJO

UM grupo que acaba de nascer espontaneamente sob a designação de 1.º Comité de Acção Popular manifestou-se ontem à noite junto das lápides comemorativas de inauguração da ponte sobre o Tejo, inscrevendo nelas o título que pretende dar àquele empreendimento — Ponte 25 de Abril — e arrancando algumas letras em bronze.

Os elementos do citado «comité» dividiram-se em duas equipas, uma delas encarregada de pintar as inscrições, a negro, e a outra com a incumbência de, a poder de martelo e escopro, despojar as lápides de algumas das letras ou palavras. A primeira destas empresas foi executada cerca das 21 e 30 horas, sem qualquer obstáculo e os pincéis, manejados com habilidade, depressa gravaram no mármore a inscrição «1.º Comité de Acção Popular». Nos locais apontados, [illegible]aram, ainda, diversos cartazes.

Cerca de uma hora depois, o segundo grupo, menos numeroso (o anterior era composto por várias dezenas de pessoas) entregou-se à tarefa de extrair o maior número possível de letras da lápide erguida na Avenida da Índia. Todavia, [illegible] veículos militares pertencentes ao Regimento de Lanceiros 2, que ocasionalmente circulavam naquela artéria em missão de ronda, estacionaram no local e o alferes que comandava a operação obstou a que os membros do «comité» [illegible]assem até ao fim as intenções que ali os tinham congregado.

«Temos de ter cabeça, para não cairmos no caos» aconselhou aquele militar. Depois, chamando de parte o jornalista que ali se encontrava, pediu:

— Ó camarada, esclareça aí no jornal que os milicianos de Lanceiros 2 estiveram com o Movimento desde a primeira hora, que aderiram a toda a força e que foram eles quem içou a bandeira branca no portão do quartel.

Um elemento anónimo do 1. Comité de Acção Popular, «baptiza» a ponte sobre o Tejo

Símbolos perniciosos

Entretanto, fora possível trocar algumas impressões com um dos elementos do 1.º Comité de Acção Popular que afirmou:

— Somos um grupo espontâneo, ainda em embrião, que se propõe fazer uma série de acções que pertencem ao povo e que, como tal, não têm medidas. O grupo está aberto a toda a gente e, para já, conta com a participação de muitas mulheres.

— Que planos tem o «comité»?

— Não estou autorizado a revelá-los, de momento. Mas um dos primeiros objectivos é, como viu, derrubar os símbolos que consideramos mais perniciosos.

PORTUGUESES DA BÉLGICA QUEREM VOLTAR

De movimentos de diferentes feições políticas, recebemos os comunicados que a seguir divulgamos:

Portugueses da Bélgica, trabalhadores e estudantes, emigrantes económicos e exilados políticos, refractários e desertores reuniram-se ontem, na Associação dos Portugueses Emigrados na Bélgica, para discutir das [illegible] do seu [illegible] e da maneira [illegible] em os seus direitos.

Os portugueses exilados na Bélgica querem voltar como cidadãos livres com todos os seus [illegible].

[illegible] querem voltar à sua terra e a trabalhar, querem voltar às suas casas e de qualquer modo, em Portugal ou no estrangeiro, participar plenamente na vida política portuguesa.

Solidários com a luta dos povos irmãos de Angola, Guiné e Moçambique, exigem o fim da guerra e a independência imediata e total dos povos submetidos ainda à dominação colonial portuguesa.

Sem o fim da guerra, sem a independência das colónias, o povo português não poderá ser livre e independente.

Queremos voltar a um Portugal democrático.»

Fundos para a C. D. E.

«Criadas no País, pela vitória do Movimento das Forças Armadas e do povo português, contra o regime fascista que há 48 anos os [illegible], as condições de liberdade que permitem o [illegible] aberto e livre das actividades da C. D. E., vem a Comissão Executiva do Movimento solicitar a todos os seus simpatizantes que contribuam [illegible] possam com a sua contribuição financeira para assegurar as despesas iniciais. Com este apoio [illegible] a C. D. E. poderá desenvolver as tarefas de salvação nacional que neste momento [illegible] lhe competem e das [illegible] não pode demitir-se.»

Do Movimento Democrático do Barreiro:

«O levantamento militar do dia 25 de Abril veio colocar na ordem do dia a discussão aberta e generalizada da situação política no nosso País. O nosso povo há muito sonhava com [illegible] de pôr fim ao regime fascista que há longos anos o oprime e que ultimamente tem vindo a agravar [illegible] com a subida vertiginosa dos preços e com as criminosas guerras coloniais.

Mas o fascismo só cairá definitivamente com a participação do povo português.

Que todo o povo se una em torno dos objectivos fundamentais da oposição democrática:

— Luta pelas liberdades democráticas fundamentais: livre organização dos partidos políticos, liberdade de reunião, de associação e de manifestação, liberdade de imprensa, liberdade sindical e direito à greve.

— Luta contra a repressão: extinção da P. I. D. E./D. G. S., o julgamento dos criminosos, liberdade para todos os presos políticos e regresso dos exilados.

— Luta contra o poder dos monopólios e contra a submissão ao imperialismo.

— Luta contra a subida dos preços e o congelamento de salários. Por um salário mínimo nacional. Pela reforma agrária.

— Luta pelo fim da guerra colonial e o regresso dos soldados, pela abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação de Angola e Moçambique e pelo reconhecimento da República da Guiné-Bissau.

— Por uma vida melhor.

— Por um Portugal democrático.

De Programa:

O Movimento das Forças Armadas assumiu o poder em Portugal no momento em que a Nação vive uma das crises mais graves da sua História nos planos político, económico e social.

A inexistência de um projecto nacional dinamizador das potencialidades do povo português, fundado na verdade de uma política que garantisse a construção da PAZ ao mesmo tempo que nos defendesse da guerra, levou à progressiva desmobilização dos espíritos e à instauração de um equívoco e da corrupção como regra de actuação.

Sob a aparência da defesa do Ultramar, deixou-se o Ultramar cada vez mais sem defesa [illegible].

Impunha-se um governo de salvação nacional capaz de garantir na ordem e nas liberdades a independência de todos os portugueses em todo o Portugal.

«PROGRAMA» — Associação de Estudos para o Progresso Nacional — na qualidade de associação cívica e [illegible] a vontade de vastos sectores da opinião portuguesa, afirma o seu intenção de participar activamente nas grandes tarefas de reconstrução nacional para um Portugal Único, Justo e Soberano.

Participação activa

O Secretariado Nacional de «PROGRAMA — Associação de Estudos para o Progresso Nacional» presente na reunião, ontem realizada pela Junta de Salvação Nacional com os órgãos de Informação e com as associações cívicas, solicita aos seus associados em todo o País uma atitude calma e reflectida e uma participação activa nas tarefas de reconstrução nacional».

Da Liga Popular Monárquica:

«A Liga Popular Monárquica, organismo integrado na Convergência Monárquica, consciente de que representa uma camada importante da população portuguesa e perante o momento alto que a Nação atravessa, julga de seu dever afirmar publicamente o seguinte:

1. Saúda o Movimento das Forças Armadas pelo serviço que acaba de prestar ao povo português, libertando-o da opressão em que era mantido.

2. Manifesta a sua confiança na actuação da Junta de Salvação Nacional, esperando que consiga cumprir os objectivos constantes da sua proclamação, em especial a garantia da sobrevivência da Nação como Pátria [illegible] todos [illegible] [illegible] das [illegible] dos [illegible] amentais.

3. Reafirma que o problema ultramarino, sem dúvida o mais grave daqueles com que os portugueses se defrontam, só poderá ser resolvido após um debate autêntico em que sejam ouvidos todos os portugueses, sem esquecer muito especialmente os 17 milhões que vivem no Ultramar.

4. Considera que a crise portuguesa no Ultramar se resume no [illegible] de uma paz [illegible] e integração autêntica, que nada tem a ver com o que a propaganda do regime deposto [illegible] chamava, e que [illegible] que urge restabelecer mediante:

a) Afirmação do princípio da universalidade da lei, permitindo, assim, eliminar as situações especiais que mantêm privilégios;

b) Criação de uma orgânica verdadeiramente unitária, capaz de dar conteúdo e coesão a uma afirmação política de unidade adaptada embora às estruturas étnicas e tradicionais do Ultramar.

Afirmação de que a autêntica política nacional tem como característica fundamental a dominante humana.

5. Proclama que só em monarquia [illegible] a garantir que o rei, independente, pode [illegible] a todos, é possível viver-se em autêntica e verdadeira liberdade.»

Da convergência Monárquica:

«Derrubado o regime que durante cerca de 50 anos nos privou do exercício dos direitos fundamentais, abrem-se, finalmente, novas perspectivas para o estabelecimento de instituições que garantam a liberdade e permitam a intervenção de todos os portugueses num clima de ampla e harmónica convivência de todas as correntes políticas.

No seguimento da acção desenvolvida após as lamentadas eleições de 1969 a Convergência Monárquica deseja uma vez mais salientar que um dos objectivos incluídos no seu programa estava anunciado até precisamente o de:

«Demonstrar que em monarquia a pluralidade das correntes [illegible].»

[illegible] pluralidade das situações políticas jamais terá carácter definitivo, pois de forma alguma lhe será possível — nem o desejará — garantir a aplicação de uma verdadeira justiça e o povo português ficará assim entregue ao poder discricionário de um grupo sempre pronto a cometer as maiores arbitrariedades no seu exclusivo interesse.

Ciente de que um dos objectivos específicos do Movimento das Forças Armadas é o estudo e aplicação de medidas preparatórias que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos, a Convergência Monárquica sente que o advento da Junta de Salvação Nacional vem ao encontro das justas aspirações do povo português.

E por isso, ciente também de que a pluralidade das situações políticas, como se encontra bem comprovado nos exemplos das actuais monarquias europeias, necessita do rei, resultando a sua qualidade de depositário e defensor da Constituição, independente, portanto, dos partidos políticos, que respeita, a Convergência espera que todos os monárquicos, por si ou integrados nos seus diversos agrupamentos políticos, participem no esforço a desenvolver no sentido de se dotar Portugal de instituições livres através das quais todos os portugueses possam sentir-se defendidos nos seus direitos e justos interesses sem qualquer discriminação de credos políticos ou religiosos.»

Reuniões de grupos profissionais

[illegible] comunicações que [illegible]

Amanhã, às 21 horas, no Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho em Lisboa, com os delegados e representantes [illegible] empresas onde ainda não haja delegados, para tomarem conhecimento da posição assumida pelos sindicatos em face do Movimento das Forças Armadas. No Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório de Lisboa, [illegible] de actuação a desenvolver perante a nova situação; na sede da C. D. E. de Leiria, também às 21 horas, na Rua Gomes Freire, com todos os delegados do distrito.

EFEMÉRIDE

DIA 28 DE ABRIL

1558 — Nasceu o filósofo e romancista francês François Béroalde de Verville, imortalizado pela obra «Moyen de Parvenir» («Maneira de Triunfar»), escrita em forma de diálogo num estilo licencioso e cheio de humorismo.

A CAPITAL

EFEMÉRIDE

DIA 28 DE ABRIL

1802 — Napoleão Bonaparte, então primeiro cônsul, preparando a transformação da República Francesa no seu império, autorizou o regresso a França dos emigrados realistas.

A CAPITAL

PARTIDO SOCIALISTA PUBLICA DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

ESTA reunião constitui o primeiro passo do aparecimento publico do Partido Socialista, tendo em vista a coordenação de acções imediatas no que se refere à chegada de Mario Soares, Ramos da Costa e Tito de Morais ao nosso País — disse, ontem à noite na Cooperativa de Estudos e Documentação (C. E. D.) o dr. Mário Sottomayor Cardia, [illegible] iniciar uma reunião informal, de alguns democratas, convocados por elementos do Partido Socialista.

A preparação da manifestação que se realizou, esta manhã, na estação de Santa Apolónia, após a chegada a Lisboa [illegible] Conselho Directivo do Partido Socialista no Exterior foi um [illegible] motivos daquela reunião.

— Deve-se pôr o acento tónico no sindicalismo porque os [sin]dicalistas foram os unicos que ao longo destes anos de [di]tadura fascista, conseguiram ter uma acção reivindicativa — disse o dr. Abilio Mendes.

«O papel que os socialistas devem ter na actual conjun[tur]a politica» era a questão que preocupava a centena de [pes]soas que reuniram na C. E. D.

Citando a Declaração de Princípios do programa do Par[tid]o Socialista, que trata também de «Uma politica económica [ao] serviço do trabalhador», «Uma politica social ao serviço [do] povo», «Uma politica institucional ao serviço do cidadão» [e] de «Uma politica internacional ao serviço da humanidade» Armando Bacelar tentou responder às dúvidas dos que pretendiam debater as perspectivas politicas dos socialistas.

— Tomou-se a deliberação de, como Partido, actuarmos livremente à luz do dia e de exigir o mesmo direito de actuação e de vivência de todas as instituições democráticas — esclareceu.

Declaração

Os quatro primeiros pontos da Declaração de Princípios do programa do Partido Socialista que, hoje ou amanhã será distribuido à Imprensa, fazem saber que «O Partido Socialista é a associação politica dos portugueses que procuram na democracia socialista a solução dos problemas nacionais e a resposta às exigencias históricas do nosso tempo» «o Partido Socialista tem por objectivo a edificação em Portugal de uma sociedade sem classes» «herdeiro de toda uma tradição de luta das classes trabalhadoras pelo socialismo democrático» o Partido Socialista propõe-se realizar a síntese das várias correntes que aspiram ao socialismo em liberdade» e que «sob o impacto da experiência anterior do socialismo e criticamente atento às suas lições, o Partido Socialista considera como inspiração teórica predominante o marxismo.»

O Partido Socialista Português pensa abrir sedes públicas, assim como lançar uma campanha de recrutamento e outra de angariação de fundos, conforme informou Armando Bacelar.

— Esta é uma reunião inédita, como não se realizava idêntica em Portugal há mais de 50 anos. O Partido Socialista é uma realidade, mas mais que uma realidade é um projecto. A decisão de tornar o Partido Socialista público foi tomada hoje — esclareceu o dr. Sottomayor Cardia, numa altura em que a assistência exigia «afirmações concludentes», considerando no entanto que «é uma organização em lançamento publico o que é uma forma de actividade perfeitamente distinta da anterior».

SINDICATOS EMITEM COMUNICADOS

[illegible]

Sindicato dos Ferroviários

[illegible]

A anterior direcção imposta [illegible] governo fascista de [illegible] [illegible] por elementos desse [illegible] Governo e dos patrões, [illegible] expulsa.

Os trabalhadores ferroviários [illegible] à frente do nosso sindicato apoiam o documento da Inter[sindical] divulgado pelos órgãos [illegible] 26 e 27 do [illegible] correndo-se assim [illegible] trabalhadores [illegible]

[illegible] no que os trabalhadores [illegible] na sede do nosso sindicato! Todos juntos faremos um sin[dicato] [illegible] dos tra[balhadores].

[illegible] Movimento das Forças Armadas [illegible]

Ordem dos Médicos

Os corpos gerentes da sec[ção] [illegible] de Lisboa da Ordem [dos] Médicos manifestam o seu regozijo pelo derrube da di[tadura] [illegible] levada a cabo [illegible] Movimento [illegible] Povo [illegible]

Apoiam os pontos fundamen[tais] do programa do Movimento [das] Forças Armadas na garantia [que] representam os direitos do [illegible]

Propõem como linha de acção [pôr] à prática o exercício das [liberdades] fundamentais, em par[ticu]lar as liberdades sindicais [para] que em breve exista um [illegible] verdadeiramente re[presentativo] [illegible] dos médicos.

[Cons]ideram que um verdadeiro [sin]dicato médico será o ponto [de] partida para a participação [dos] médicos na organização du[ma] politica de saúde ao serviço [do] Povo Português.

[illegible] a prática dos pontos [enun]ciados aquando da sua elei[ção].

Devolver o poder soberano às [assem]bleias fazendo-se contro[lar] de perto os corpos gerentes [illegible] [illegible] para [illegible] [illegible] cional à actividade distrital [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] estritamente mandatá[rio] [illegible] assembleias de tipo congresso para [illegible] colectiva da activi[dade] sindical médica, vitalizar a vida sindical dos distritos, [illegible] assegurar à classe um sistema de informação independente e eficaz para defesa duma informa[ção] [illegible] mica, completa e livre.

Convocam a assembleia para segunda-feira, dia 29, pelas 21 [horas].

E acrescenta, noutro comunicado:

A direcção livremente eleita da Ordem dos Médicos foi suspensa por deliberação arbitrária do Governo fascista e a substituí-la foi designado, pelo Ministério das Corporações e Saúde, um administrador, o curador que de modo algum representa os médicos nem pode interpretar os seus interesses.

Hoje alguns médicos já se deslocaram à sede da Ordem com o propósito de dar início ao movimento de reorganização da vida associativa.

Fazem apelo a todos os médicos para que participem no movimento renovador da vida sindical, numa altura histórica em que toda a Nação se movimenta pelo Progresso e pela Liberdade.

Lisnave

Duzentos e cinquenta trabalhadores da Lisnave enviaram o seguinte telegrama à Junta de Salvação Nacional:

«Os signatários trabalhadores da Lisnave, cumprimentam, na pessoa do general Spínola, a Junta que libertou de tão longo e pesado jugo o Povo Português e afirmam a sua fé num Portugal digno e democrático, confiando no cumprimento da proclamação da Junta e na existência de livres associações politicas e sindicais dispondo-se a colaborar activamente na construção de uma nova era ao serviço de todos os portugueses. Viva Portugal.»

Reunião Nacional da C. D. E. esta tarde em Lisboa

Ao contrário do que foi ontem [anu]nciado, a reunião nacional [do] Movimento Democrático não [se] efectua hoje em Coimbra, [ma]s em Lisboa, na sede da C. D. E., Rua Braamcamp, 88-1.º. [A] [illegible] reunião está mar[cada] para as 15 horas e espera-[se] que estejam presentes dele[gaç]ões de todos os distritos do [co]ntinente, dada a quase impossibilidade de chegarem a tempo os das ilhas adjacentes.

Da agenda de trabalhos consta um ponto de informações e outro sobre as decisões que o movimento deve tomar imediatamente, em face do triunfo do Movimento das Forças Armadas como corolário de 48 anos de luta do povo português contra o regime de 28 de Maio.

Um numeroso grupo de jovens afectos aos M. R. P. P. efectuou ontem uma manifestação de propaganda

M.R.P.P. MANIFESTA-SE

CERCA de 400 pessoas afectas ao M. R. P. P. (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado) efectuaram ontem mais uma manifestação de propaganda.

A concentração teve lugar no Rossio. Empoleirados na estátua de D. Pedro IV podiam ver-se jovens empunhando bandeiras vermelhas com os símbolos do Movimento «para a ditadura do proletariado», além de cartazes com «slogans». Oradores defenderam o apoio a prestar pelo Movimento «à luta legítima dos povos africanos oprimidos por uma ditadura fascista».

Entretanto alguém informou que na Rua de Moçambique se encontrariam três «pides» e entre eles o ex-[illegible] da D. G. S. maior Silva Pais, pelo que a multidão [illegible] subiu a Avenida Almirante Reis sempre com os [illegible] das bandeiras na frente. Chegados à Rua de Moçambique, os manifestantes retrocederam e dirigiram-se novamente para o Rossio onde organizaram uma marcha que percorreu a Avenida da Liberdade, gritando «slogans» como: «fim à guerra colonial já», «regresso dos soldados já», liberdade, paz, pão, terra, independência nacional» e «os povos irmãos das colónias vencerão». As viaturas militares que passavam eram saudadas efusivamente por alguns dos manifestantes. Da Avenida da Liberdade, onde o grupo provocou um engarrafamento monumental, os manifestantes dirigiram-se para a Avenida Duque de Loulé, parando junto da Embaixada dos Estados Unidos para realizar aí um minicomício de protesto contra a presença e actividades dos americanos em Portugal. Dirigindo-se para a Rua Gomes Freire, o grupo começou a dispersar sem que se registasse qualquer alteração da ordem pública.

ESTUDANTES DO I. S. T. PROPÕEM

PROFESSORES E ALUNOS NA DIRECÇÃO DAS ESCOLAS

A administração comum da vida escolar por comissões directivas de professores e alunos [illegible] está marcada para a próxima terça-feira, no salão nobre daquele [illegible] bleia da Escola, segundo uma «instituição de decisão sobre os problemas de funcionamento interno». Propõe-se ainda a formação de uma comissão directiva com igual número de professores e de estudantes, com atribuições administrativas e de execução das decisões da Assembleia de Escola e a formação de grupos de trabalho encarregados do estudo da nova legislação escolar.

Finalmente, os estudantes propõem que uma tarde em cada semana seja reservada para a realização de reuniões da Assembleia da Escola, sem prejuízo da realização de quaisquer outras reuniões urgentes.

Estudantes contra Veiga Simão

— É [illegible] Junta de Salvação Nacional.

A propósito da eventual nomeação do prof. Veiga Simão para o cargo de ministro da Educação Nacional o mesmo porta-voz informou que se «trata de boatos que circulam não só em relação à nomeação do futuro ministro da Educação Nacional como em relação a outras nomeações».

Numa reunião efectuada ontem, ao fim da tarde, no Instituto Superior Técnico, os estudantes daquele estabelecimento de ensino aprovaram três propostas e entre elas, a «exigência da demissão» do prof. Veiga Simão, por constar que o ex-titular da pasta da Educação poderia vir a manter o seu antigo cargo. Salienta-se no texto da proposta que «o prof. Veiga Simão tentou a todo o custo fazer aplicar a reforma governamental destinada a [illegible] generalizada de uma política anti-estudantil.»

Entretanto foi convocada para amanhã uma reunião de professores e assistentes do mesmo Instituto, que mereceu o seguinte comunicado convocatório divulgado pelo Conselho Escolar do I. S. T.:

«O Conselho Escolar do Instituto Superior Técnico, tendo tomado conhecimento na sua sessão de 27 de Abril de que um grupo de docentes convocou uma reunião de professores e assistentes [illegible] para o dia 25 de Abril, às 15 horas, [illegible] a essa reunião, que se realizará no anfiteatro de Electricidade.

O Conselho [illegible] todos os professores e assistentes do Instituto Superior Técnico.»

Professores do I. S. E. apoiam Junta

ÀS [illegible] horas de hoje foi divulgado o [illegible] do Instituto Superior de Economia:

«Os professores do Instituto Superior de Economia regozijam-se com o momento social e político seguido actualmente em Portugal, na convicção de que se trate de um passo decisivo para a instauração de [illegible] democrático no nosso País.

[illegible] política de ensino, particularmente na Universidade, que [illegible] lógica e pedagógica. Para o [illegible] de âmbito mais global a definir em consideração com outros aspectos de mudança por que se entendem ser necessário tomar imediatamente em conjunto [illegible] Superior de Economia.

Deste modo, convocam-se todos os [illegible] para uma reunião que terá lugar no [illegible] na próxima segunda-feira, dia 29, pelas 18 horas.»

Por outro lado, foi convocada também para amanhã uma reunião geral de alunos do mesmo Instituto para discussão e aprovação das propostas de acção na escola.

Belas-Artes do Porto

NA Aula Magna da Escola Superior de Belas-Artes do Porto decorrerá amanhã de manhã uma reunião [illegible] dos [illegible] cursos ali ministrados convocada por 15 professores daquele estabelecimento de ensino.

Anulados suspensões no I. S. P. A.

DOS estudantes do Instituto Superior de Psicologia Aplicada recebemos o seguinte comunicado: «Em virtude da impossibilidade de utilizar as vias normais de convocação convocam-se por esta via os estudantes do I.S.P.A. para a reunião geral de alunos a realizar na segunda-feira, dia 29, às 18 e 30, neste Instituto com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Informações; 2.º — Regulamento disciplinar; 3.º — Reintegração do prof. Armando Castro; 4.º — Normalização da vida associativa; 5.º — Estatuto oficial do S.P.A.»

Também os professores do Instituto nos remeteram um comunicado redigido nos seguintes termos:

«[illegible] os propósitos de coerência entre os portugueses proclamados pela Junta de Salvação Nacional, a direcção do Instituto Superior de Psicologia Aplicada resolveu anular as suspensões que resultaram do processo disciplinar instaurado há alguns meses a cinco alunos e [illegible] o pagamento da 2.ª prestação de propinas aos que estavam impedidos de o fazer.»

Trabalhadores pretendem festejar 1.º de Maio

— ESTAMOS reunidos nesta casa hoje com mais [illegible] — afirmou António Marques do [illegible], presidente da direcção do Sindicato Nacional do Pessoal dos Transportes Colectivos Urbanos do Distrito de Lisboa, ao abrir o colóquio que esta manhã decorreu na sede do organismo. Cerca de 30 profissionais encheram literalmente a sala, ouvindo considerações feitas pelo consultor jurídico, dr. [illegible] Carvalho de Oliveira, que [illegible]:

— A revolução não está feita. A melhor colaboração possível [illegible] o trabalho persistente e [illegible] vigilância atenta e constante para impedir que [illegible] tente destruir a obra começada.

Colaborador da direcção e técnico de contratação, Carlos Cruz prestou também esclarecimentos aos sócios presentes na reunião. No final do colóquio, a direcção informou os associados ter-se avistado ontem com os elementos da Junta de Salvação Nacional, obtendo autorização para participarem na grande manifestação sindical do próximo dia 1 de Maio. A concentração far-se-á às 15 horas da próxima quarta-feira, na Alameda Afonso Henriques. Os trabalhadores irão desfilar por várias artérias até ao [illegible] de jogos da F. N. A. T., na Avenida Rio de Janeiro.

Caixeiros reconhecem necessidade de união

A [illegible] de todos os trabalhadores [illegible] de que se [illegible] para reformular as suas [illegible] ocupações, nomeadamente a [illegible] de 40 horas [illegible] a consequência da reunião que [illegible] ontem à noite no [illegible] Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa.

Sem uma «agenda» definida, embora tivesse em vista [illegible] o «convívio» [illegible] a discussão dos problemas da forma a «encontrarmos o melhor caminho para a luta dos trabalhadores caixeiros», a reunião, dirigida pelo actual presidente da direcção do Sindicato, João Martinho, serviu para pôr frequentemente em evidência o desejo dos «caixeiros» de que existam sindicatos [illegible] que [illegible] as aspirações, os interesses das classes que representam.

Engenheiros-auxiliares aprovam programa da Junta

NA reunião de assembleia geral do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, ontem efectuada para discutir e votar o relatório e contas do ano findo, foi aprovado um telegrama enviado à Junta de Salvação Nacional, no qual se expressa o regozijo dos trabalhadores em face do programa apresentado pelo [illegible].

Portuenses em sessão ampla

DECORRE esta manhã na sede do Sindicato Nacional dos [illegible] do Porto uma sessão ampla sobre o actual momento, na qual [illegible] dos sindicatos e comissões [illegible] integradas na linha de acção da C. D. E.

A C. D. E. abriu sede na Rua Braamcamp

MAIS DE CEM MORTOS NA QUEDA DUM AVIÃO RUSSO

LENINEGRADO, 28 (UPI e ANI) — Foi visto a arder num campo o avião russo «Ilyushine», caído ontem poucos segundos depois de ter descolado do aeroporto de Leninegrado. Na verdade, o avião caiu a cerca de 3 quilómetros do fim da pista. Não se soube imediatamente se havia a bordo indivíduos não estrangeiros no avião que pode transportar 122 passageiros com uma tripulação de cinco pessoas. A maior parte dos voos domésticos é feita com as lotações esgotadas

Os «Mass Media» soviéticos, que normalmente não fazem menção a tragédias domésticas aéreas de outro teor, também desta vez não fizeram qualquer referência ao desastre

Mais de cem mortos

[illegible] entanto, viajantes chegados de Leninegrado a Moscovo, baseando-se nas [illegible] do aeroporto, afirmam [illegible] teme que tenham perecido no desastre mais de 100 [illegible].

[illegible] testemunhas disseram «Vi [illegible] apenas uma gigantesca bola [illegible] numa campo. Havia [illegible] parados ao longo da estrada e viam-se pessoas a atravessarem a correr os campos em direcção às chamas. Vimos uma autêntica torrente de ambulâncias vindas da cidade e quando chegámos ao aeroporto uma hospedeira de terra disse-nos que eram mais de 100 os mortos».

Segundo os mesmos informadores o desastre teve lugar cerca das 18 horas (15 T M G.) e durante uma hora nenhuns outros aparelhos levantaram voo do aeroporto

Não existe confirmação imediata das entidades soviéticas sobre o caso, de resto os desastres de avião raramente são anunciados na União Soviética e, frequentemente, só acabam por ser conhecidos quando envolvem estrangeiros

Desastre nos Andes

LIMA 28 — Mais de duzentas pessoas desapareceram e receia-se que tenham morrido [illegible] desmoronamento de terras provocado pelas chuvas, desmoronamento esse que originou a transformação de um rio dos Andes num lago artificial com a extensão de dezasseis quilómetros

O desmoronamento ocorrido na montanha peruana de Mauyucmarco lançou toneladas de terra para o rio Mantaro que se transformou em lago artificial e subiu rapidamente de nível

Receia-se que duzentas pessoas das aldeias mais próximas se tenham afogado nas águas crescentes. E crê-se que ficaram sepultadas pela avalancha vinte e um aldeões que trabalhavam numa estrada

É possível que se utilizem bombardeiros da Força Aérea para conseguir que o rio volte a correr tranquilamente

Forças do Exército, da Aeronáutica e da Defesa Civil do Território encetaram esforços para evacuar as aldeias ameaçadas pela água crescente do lago.

Cargueiro a pique

ATENAS 28 — O cargueiro turco «Kaptanoglu», de doze mil toneladas, naufragou no sábado, perto da ilha de Lesbos (Mar Egeu), anuncia-se aqui oficialmente. Dez dos doze tripulantes estão hospitalizados. Os restantes são dados como desaparecidos.

POSTO DE ESCUTA

NIXON ENTREGA MAIS GRAVAÇÕES — Ao aceder cumprir a intimidação da comissão judicial que estuda a [illegible] entregando a [illegible] dos [illegible] e [illegible] das [illegible] Nixon [illegible] [illegible] posto por o [illegible] fim do [illegible] de [illegible] não se sabendo [illegible] o que será [illegible] a que chegará o Senado. Entretanto os pedidos de impugnação sucedem-se em vários locais, e ontem um grupo de dois mil jovens manifestou-se em frente ao Capitólio, onde funciona o Congresso norte-americano, numa animada festa de «impugnação», com um conjunto «rock» que acompanhava ritmadamente os manifestantes que gritavam «Nixon fora da presidência». Face a esta nova ofensiva de impugnação do chefe do Executivo norte-americano, o presidente Nixon recolheu-se na sua casa de campo de Camp David, nas montanhas do Maryland, a fim de meditar numa possível presença na televisão na próxima segunda-feira. Os funcionários da Casa Branca disseram que o presidente estava a considerar a possibilidade de explicar na Televisão a sua posição frente à comissão da Câmara dos Representantes que investiga a impugnação presidencial. Das quarenta e duas gravações que a [illegible] ao serão entregues trinta e seis, tendo sido explicado aos funcionários daquela comissão que as [illegible] encontrar [illegible] não existem porque o gravador não funcionou ou a fita acabou na altura da conversação ou ainda porque a conversação que a comissão pretendia nunca teve lugar. O [illegible] da Casa Branca, Dean Burch, afirmou publicamente que a decisão esperada do presidente por [illegible] exonerá-lo perante a opinião [illegible] [illegible] meço do fim do [illegible] Watergate». [illegible]

[illegible] de terça-feira as fitas magnéticas e os [illegible] por conterem as principais partes dos [illegible] com os seus antigos colaboradores. No entanto segundo os membros da comissão o aparente desejo [illegible] de [illegible] [illegible] em vez das fitas, para audição da comissão plenária, pode provocar ainda mais atrito entre o presidente e o Congresso

JOVENS FRANCESES APOIAM MITTERRAND

PARIS, 28 — A [illegible] ção do [illegible] sondagens às intenções dos votantes. Segundo uma sondagem [illegible] 46 por cento dos jovens com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos votarão em Mitterrand (Partido Socialista). Para D'Estaing iriam 27 por cento e para Delmas 23 por cento.

95 por cento dos jovens [illegible] afirmam que votarão [illegible] no primeiro [illegible] quer dizer em detrimento dos restantes nove candidatos. Segundo a sondagem de «L'Express» o eleitorado jovem «estranha e sensivelmente clássico, aproxima-se e muito do eleitorado adulto».

Outra revista, «Le Point» publica uma sondagem do Ifop acerca das intenções dos 2147 mil jovens que se tornaram eleitores desde as últimas eleições presidenciais (1969), apresentando as seguintes conclusões

Estes jovens (7 por cento do corpo eleitoral) votarão na proporção de 51 por cento por Mitterrand, de 20 por cento por D[illegible], de 16 por cento por [illegible] de 7 por cento [illegible] extrema-esquerda e de 5 por cento por Royer

Publica ainda «Le Point» uma outra sondagem realizada pelo mesmo instituto acerca das intenções dos sindicalistas. Conclui-se que em 100 pessoas sin[illegible] [illegible] votarão Mitterrand, 19 D'Estaing e 14 [illegible]

A revista «Le Nouvel Observateur» publica por seu turno uma sondagem Ifop acerca das intenções dos eleitores reformistas nas três circunscrições legislativas de Michel Durafour (Saint-Étienne), Jean Lecanuet (Rouen), e Jean-Jacques Servan-Schreiber (Nancy)

Concluí aquela sondagem que D'Estaing será o primeiro em Rouen com 54 por cento dos votos contra 20 por cento de Mitterrand e 17 por cento de Delmas.

Na circunscrição de Servan-Schreiber é Mitterrand quem vence: 38 por cento, em detrimento de D'Estaing (27) e Delmas (28).

Finalmente na de Durafour o primeiro é D'Estaing (38) seguido de Mitterrand 33, e Delmas (24)

VOLTA AO MUNDO

[illegible] O [illegible] do conselho de [illegible] do Exército [illegible] general Onganía [illegible] pediu [illegible] pena de morte [illegible] ex coronel [illegible] e um ex [illegible] com [illegible] 50 milhões de [illegible] O general [illegible] forçados por [illegible] vida para um [illegible] presidente do [illegible] do Estado e [illegible] pela mais [illegible] quatro aviadores [illegible] um ex senador

[illegible] CONTRA [illegible]NACIONAIS — [illegible] na necessidade [illegible] da América [illegible] «mecanismos de acção para lutar contra algumas situações provocadas pelas empresas multinacionais. As atitudes das companhias multinacionais — observou — prejudicam por vezes a soberania e os legítimos [illegible] económicos dos países em desenvolvimento»

METALÚRGICOS BRITÂNICOS — A greve das horas extraordinárias que os metalúrgicos britânicos cumpriam desde 15 de Abril está praticamente terminada. A Federação dos Patrões da Indústria Metalúrgica e os representantes sindicais chegaram a um acordo relativo aos aumentos de salários e a uma quarta semana de férias pagas

PRISÕES EM ESPANHA — A polícia política espanhola prendeu 23 pessoas na [illegible] de [illegible] por suspeita de pertencerem ao P[illegible] [illegible] de E[illegible]

DEPURAÇÃO NA NICARAGUA — Onze dirigentes do Partido Liberal [illegible] da Nicarágua foram ontem expulsos dessa organização política por haverem desenrolado actividades que caem sob as disposições que castigam actos de indisciplina

PROSSEGUEM COMBATES NOS GOLAN

TEL-AVIV, 28 — Granadas de artilharia síria caíram sobre uma posição israelita nos montes Golan e um helicóptero de socorro enviado para o [illegible] despenhou-se ao [illegible] anunciou o comando militar israelita

O comando [illegible] que morreram 4 soldados ao [illegible] no [illegible] e [illegible] no acidente [illegible] [illegible] havendo ainda sete feridos no ataque de artilharia

Foi enviado um segundo helicóptero para a evacuação dos feridos. O incidente ocorreu na véspera da partida do secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger para o Médio Oriente a fim de auxiliar a negociação de um acordo de separação militar entre israelitas e sírios.

O comando militar anunciou igualmente que uma unidade israelita que fazia uma patrulha a nordeste do monte Hermon matou dois soldados sírios no decorrer de uma breve troca de tiros [illegible]

«A queda do helicóptero de socorro [illegible] qualquer relação com o bombardeamento» — acrescentou o comando militar

A televisão nacional revelou que os soldados estavam em transportes blindados de pessoal quando foram atingidos.

O helicóptero foi o segundo a cair na frente em oito dias. Dois helicópteros colidiram ao aterrar perto da frente no dia 19 de Abril e um deles despenhou-se matando os oito ocupantes

ESCRITORES TRABALHADORES E ESTUDANTES EM MESA-REDONDA NA TV

— ESTOU em estado de choque! Todos os esforços, tudo o que se passou e tudo o que se vai passar desejei sempre que se passasse. Espero que esta admirável transformação se encaminhe, definitivamente, para o fim da guerra em África — disse-nos a escritora Maria Lamas, ontem de manhã, nas instalações da R. T. P., no Lumiar, antes de participar numa mesa-redonda que será transmitida, esta noite, através do programa TV-... Colaboram neste encontro, gravado sob a direcção de Pedro Martins e orientado por Maria Margarida e Luís Filipe Costa, os convidados Maria Amélia Sande, doméstica, Isabel Santos, estudante universitária, Reinaldo Nascimento, operário, Blasco Hugo Fernandes, engenheiro-agrónomo, Alberto Arons de Carvalho, estudante universitário, Vítor Wengorovius, advogado, Carlos Carvalhas, economista e director do jornal «Notícias da Amadora», Manuel Lopes, presidente da Federação dos Sindicatos dos Lanifícios e do Sindicato do mesmo ramo, de Lisboa, Jerónimo Franco, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, Baptista Bastos, jornalista, e Urbano Tavares Rodrigues, escritor.

A escritora Maria Lamas, ao falar connosco, escolhia cuidadosamente as palavras. A certa altura, rindo-se, exclamou:

— Estamos tão habituados a medir o que dizemos... Vai demorar um certo tempo a perdermos o hábito.

Acrescentou:

— Estou numa fase de vibração. O que aconteceu foi a grande aspiração da minha vida, e que eu considerava irrealizável. Estou convencida de que é o primeiro passo para um futuro de Portugal muito melhor.

A escritora considerou também que, «ao pensar que já não há censura, nem PIDE, mas sim liberdade de reunião e de expressão», sente que «estamos todos muito mais valorizados».

— Temos de pensar muito em todos os problemas. Não podemos ficar só nos entusiasmos, mas temos de consciencializar o povo português. Há muito trabalho a fazer — afirmou a escritora que, mais tarde, durante a gravação do programa, fez com que as lágrimas assomassem aos olhos dos que a escutavam, ao pronunciar palavras como estas.

Esperava-se que José Afonso, contactado no dia anterior, colaborasse também no programa, mas tal não aconteceu.

— Foi com grande alegria que tomei conhecimento de que foram restabelecidos os direitos fundamentais num País em que os direitos do Homem não eram respeitados há mais de 47 anos — disse-nos, por sua vez, o escritor Urbano Tavares Rodrigues, considerando que «o fascismo que nos oprimiu durante mais de 47 anos, finalmente, acabou» e que o Movimento das Forças Armadas merece a solidariedade do povo português, «que a tem».

— A expressão das massas trabalhadoras é evidente e terá uma importância muito grande no rumo que o País vai tomar. Foi com profunda emoção que vivi, nas ruas, junto do povo e dos soldados, a jornada do 25 de Abril e que, ontem, assisti à libertação dos presos políticos, entre os quais se encontravam alguns grandes amigos meus.

Ao falar sobre aqueles que, por motivos políticos, se viram obrigados a abandonar o País, o escritor afirmou:

— Tenho a maior esperança de que, muito em breve, todos os exilados políticos regressem à sua terra e espero com profunda ansiedade ver aparecer entre eles o meu irmão, Miguel Urbano Rodrigues.

Como escritor e como democrata, Urbano Tavares Rodrigues considera muito importante «essa conquista que já é a da inteira liberdade de expressão, confiando que a realização de eleições livres conduza a uma democracia pluritária, ...

Luís Filipe Costa que, com Maria Margarida, apresentou o «TV7» que será transmitido esta noite, dá instruções sobre como querem que a mesa-redonda decorra

que terão um importante papel a desempenhar as correntes do pensamento socialista».

O director do jornal «Notícias da Amadora», depois de nos informar que «o antigo Governo se viu na necessidade de redigir o comunicado em que informava que, nas instalações daquele jornal, tinha sido encontrado material impresso ilegal, pelo que as instalações foram encerradas, para justificar perante o público o assalto, disse-nos:

— O que sucedeu é fruto das graves contradições em que o regime se movia. O antigo Governo mantinha-se, sem o apoio popular, pela repressão. A guerra em África terá precipitado os acontecimentos.

Passos irreversíveis

O candidato pela C.D.E., durante as últimas eleições, e estudante da Faculdade de Direito, Alberto Arons de Carvalho, cujo pai se mantém, desde 1971, no exílio, estando eminente o seu regresso — disse-nos:

— As pessoas estão tão emocionadas que se sentem mais tentadas a beliscarem-se, para terem a certeza de que tudo isto é verdade e não um sonho, do que a fazer análises políticas profundas da actual situação.

Acrescentou:

— Em termos da conquista das liberdades fundamentais, deram-se passos que espero irreversíveis. Penso, no entanto, como socialista, que falta ainda dar os passos no sentido do direito à greve, da abolição das desigualdades sociais, em resumo, o que se convencionou chamar democracia e que, sobretudo, se consiga uma Paz justa em Angola, Moçambique e Guiné, com o regresso dos soldados e com a chegada ao Poder, nesses territórios, de Governos representativos dos povos.

Considerou que o passo nesse sentido só pode ser dado através de negociações com os Movimentos de Libertação. Além disso, exprimiu o desejo de que o Movimento das Forças Armadas assegure a livre expressão das correntes políticas, em total igualdade de circunstâncias, para que as propostas sejam livremente difundidas a todo o povo português.

O aumento de custo de vida, a falta de liberdades fundamentais, o problema da guerra nos territórios africanos, que passa trazer saturado não só o povo em geral, mas as próprias Forças Armadas, «que, por isso, criaram as condições necessárias para este golpe» são, no entender de Manuel Lopes, presidente da Federação dos Sindicatos dos Lanifícios e do sindicato do mesmo ramo de Lisboa, as causas da «situação tremendamente tensa em que se vivia».

— Claro está que tudo isto partiu das Forças Armadas, sem a população ter nada a ver com isso. Mas, o que sinto é que a população adere, mantendo-se numa posição de expectativa. Parece-me também que na proposta a fazer e só efectivamente nessa altura é que poderemos definir a situação actual — disse o presidente daquele sindicato, considerando que é um passo importante num País oprimido há 48 anos.

Acrescentou:

— Como trabalhador, espero que a situação corporativa existente anteriormente, que nos oprimiu e que terá forçosamente de ser revista, se modifique. Interessa assegurar as liberdades sindicais fundamentais, o direito à greve, a rectificação e a aplicação de algumas convenções internacionais, como a 87 e a 98 da O. I. T., e a livre expressão sobre todos os problemas e a vida política do País.

A redução do horário de trabalho para [illegible] horas, o aumento de salários, o estabelecimento de um salário mínimo nacional, a reintegração dos dirigentes despedidos, a possibilidade de filiação em organismos internacionais são outros dos pontos focados por aquele dirigente como fundamentais.

— É necessário e primordial a reorganização total de toda a estrutura sindical existente, de modo a assegurar uma verdadeira liberdade sindical, assim como a promoção de todos os trabalhadores.

Novas mulheres

CATARINA EUFÉMIA, Maria Barroso, Cândida Ventura, Julieta Gandra e Aida Magro foram os nomes de mulheres que Urbano Tavares Rodrigues citou, durante a gravação do programa «TV 7», como exemplos das novas «mulheres do nosso País». Citou também as mulheres de Octávio Pato e de Daniel Cabrita, que se suicidaram em virtude da repressão exercida sobre elas pela PIDE.

Depois de ser lida a proclamação da Junta de Salvação Nacional, Raul Durão apresentou o programa, após o que é projectado um filme sobre a cronologia dos acontecimentos. Depois de transmitida a mesa-redonda gravada ontem, é projectado outro filme sobre as várias manifestações ocorridas nos três últimos dias. Finalmente, Villaverde Cabral faz o Ponto Internacional.

A parte da mesa-redonda abre com Luís Filipe Costa a ler um extracto de um livro de Urbano Tavares Rodrigues em que o escritor fala nas mulheres que esperam pelos presos políticos. É então que Urbano Tavares Rodrigues fala sobre as mulheres do seu País, citando Aida Magro, que anteontem à noite aguardava nas imediações do Forte-Prisão de Caxias, a libertação do marido, que esteve preso 21 anos.

Maria Lamas toma a palavra, depois de Maria Margarida citar o livro desta escritora «As mulheres do meu país», para afirmar que é no campo da assistência que a mulher, a mãe, tem tudo a esperar, a exigir.

— As mulheres têm de acordar, porque ainda não acordaram perante si próprias. É preciso consciencializar a mulher. A mulher não é um objecto decorativo, não é uma escrava, é um ser humano completo, embora só dois juntos, homem e mulher, possam concretizar uma verdadeira vida.

O jornalista Baptista Bastos exortou todos a «não minimizarem o fascismo português, considerando que temos a obrigação de nos batermos pela liberdade se ela estiver de novo ameaçada». Acrescentou:

— Temos de aprender de novo a soletrar palavras que foram suprimidas, como amor, liberdade, tolerância.

Em seguida falou Vítor Wengorovius, e Carlos Carvalhas que afirmou que «até aqui, em cada 100$00 gastos, 54 eram com as chamadas despesas de defesa e segurança».

«Vocês os novos, têm muito que fazer. Se nessa altura eu o merecer, lembrem-se de mim», terá dito Alves Redol, numa entrevista que concedeu a Baptista Bastos, para o jornal «República». E assim aconteceu: Luís Filipe Costa não se esqueceu de citar o escritor.

Depois de todos terem falado, Maria Margarida pediu a Maria Lamas para encerrar a mesa-redonda, o que a escritora fez, afirmando:

— É necessário que todos trabalhem, de maneira a ajudar os que ainda não estão consciencializados e a obrigar a cumprir as promessas feitas.

Uma salva de palmas acolheu as últimas palavras da conhecida escritora que limpava as lágrimas, de felicidade e emoção.

O «TV 7» será transmitido hoje, à hora habitual.

A emissão de TV 7 de hoje, atendendo ao carácter da rubrica que se debruça sobre os principais acontecimentos da semana, proporcionar-nos-á reviver os últimos dias que vieram remover a história de Portugal. De salientar que na edição de «No tempo em que você nasceu» estará hoje presente o compositor de «E Depois do Adeus», José Calvário, com a colaboração do respectivo intérprete na Eurovisão, Paulo de Carvalho. Para os mais pequenos destaca-se «Poly em Espanha» e «Ali Babá e os 40 ladrões».

I PROGRAMA

15.15 Tarde de cinema
Ali Babá e os 40 Ladrões» [Ali Baba and the Forty Thieves]. Com Maria Montez, Yvette Dugney, John Hall, Scotty Beckett, Turhan Bey, Andy Devine e Frank Puglia. Produção de Paul Malvern. Realização de Arthur Lubin.

17.20 TV infantil
Coordenação de Maria do Sameiro Souto.

18.10 O mundo à nossa volta
«Edison, o Grande Mágico». Um documentário da B. B. C. traduzido por Maria Manuela Furtado e Maria Luísa Sabbo.

19.10 Domingo desportivo
1.ª edição.

19.30 Telejornal
2.ª edição.

19.45 Poly em Espanha
Com Thierry Missud, Jorge Espresato. Realização de Claude Boissel sob guião de Cecile Aubry.

20.00 TV 7

21.00 Doris em apuros
Série filmada.

21.30 Telejornal
3.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro. Actualidade desportiva. O tempo.

22.00 No tempo em que você nasceu
Convidado: José Calvário. Colaboração de Paulo de Carvalho e do conjunto In Clave. Apresentação de Artur Agostinho. Realização de Alfredo Tropa.

23.30 Domingo desportivo
2.ª edição.

23.50 Telejornal
4.ª edição.

23.55 Fecho

II PROGRAMA

20.30 Silencio... vamos rir!
(Bucha e Estica).

21.00 Dó lá si
Programa musical apresentado por Maria José Guerra.

21.30 Telejornal
3.ª edição.

22.00 Noite de cinema
«Noite Após Noite» [Night After Night]. Um filme realizado por Archie Mayo com George Raft, Constance Cummings e Mae West.

23.00 Fecho

AMANHÃ — I PROGRAMA

Às 12.45: «Beatles Show» (desenhos animados). 13.00: Vivendo o futuro. 13.15: «A Família Partridge». 13.45: Telejornal. 14.00: O homem de amanhã. 14.20: Logo à noite. Ciclo Preparatório TV — Às 14.40: Orientação de monitores (2.º Ano). 15.05: Matemática (1.º Ano). 15.30: Desenho (2.º Ano). 16.00: Educação Física (1.º Ano). 16.25: Ciências da Natureza (1.º Ano). 16.50: Francês (2.º Ano). 17.25: Educação musical (1.º Ano). 17.50: Matemática (2.º Ano). 18.15: Francês (1.º Ano). 18.40: Ciências da Natureza (2.º Ano). 19.00: TV Educativa — Língua Portuguesa. 19.25: «O Diário das Fábulas». 19.30: Telejornal. 19.45: TV Juvenil. 20.00: Momento Desportivo. 20.30: Portugal no Mundo. 21.00: Museu aberto. 21.30: Telejornal — Boletim Meteorológico. 22.05: Columbo. 23.50: Telejornal.

II PROGRAMA

Às 20.30: «Beatles Show» (desenhos animados). 20.45: O homem de amanhã. 21.00: «A Família Partridge». 21.30: Telejornal — Boletim Meteorológico. 22.00: Impacto. 23.00: Música para olhar.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

CONCURSO PÚBLICO

Faz-se público que na Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Intendência, Travessa de Santo António da Sé, n.° 21, em Lisboa, se encontra aberto o Concurso Público seguinte:

Designação do concurso	Material a adquirir	Cauções provisórias	Data limite para recepção das propostas	Data de abertura das propostas
26 / PAE / 73	Fogões de cozinha, a gasóleo, de tipo industrial	5 % sobre o montante maior dos valores de custo propostos	Até às 18 horas de 29 MAI 74	Às 15 horas de 30 MAI 74

O caderno de encargos do concurso em referência poderá ser consultado ou adquirido todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 15 às 18 horas, na sede da COMPAE/DSI, Travessa de Santo António da Sé, n.° 21, em Lisboa.

A sessão pública de abertura das propostas terá lugar na aludida morada no dia e hora atrás indicados.

O PRESIDENTE DA COMPAE

José R. Palma Vaz

Coronel do S A M

3.ª feira, 30

SENSACIONAL INAUGURAÇÃO

DE UMA NOVA UNIDADE DOS

RUA ERNESTO DA SILVA, 4 a 10

ALGÉS

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

ELECTRODOMÉSTICOS

MOBILIÁRIO, ESTOFOS, ADORNOS, ARTIGOS FOTOGRÁFICOS, MAQUINARIA E MOBILIÁRIO PARA ESCRITÓRIO, OBJECTOS DECORATIVOS, MÉNAGE, MOBILIÁRIO E MATERIAL DIDÁCTICO, PORCELANAS, VIDROS, QUADROS, ARTIGOS P/ BRINDE, MÁRMORES, ETC.

IMPORTANTÍSSIMO

LEILÃO

2.ª FEIRA E SEGUINTES, DAS 15 ÀS 19 H.

AV. CASAL RIBEIRO, 17

Será vendida pela maior oferta e sem base de licitação a enorme existência, discriminada nos jornais da manhã e em exposição das 10 às 13 horas, segunda-feira e seguintes

DE NOITE MONTRAS ILUMINADAS, COM VISÃO TOTAL

Constituindo a maior liquidação do género até hoje efectuada no nosso País

NOTA IMPORTANTE: Solicitamos a retirada diária dos lotes arrematados a fim de dar lugar à recepção diária de novas mercadorias, durante toda a semana.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

EDITAL

Armando de Brito Subtil, Engenheiro Civil (E. E.) e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Oeiras.

Faz público que no dia 29 de Maio próximo futuro, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho, se procederá ao concurso público para adjudicação da obra «Construção do Pavilhão Gimno-Desportivo de Oeiras».

Base de licitação .... 10 151 961$10

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 253 799$00, mediante guia passada pelo próprio ou pela secretaria da Câmara em qualquer dia útil, durante as horas do expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de cinco por cento da importância da adjudicação.

O projecto, programa do concurso e o Caderno de Encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos Serviços de Urbanização e Obras deste corpo administrativo.

Oeiras — Paços do Concelho, em 23 de Abril de 1974.

O Presidente da Câmara

Armando de Brito Subtil

Eng.° Civil

pontualidade com

Memomatic Omega

Omega Memomatic

O relógio de pulso que o ajuda a ser pontual, que o previne, com um sinal sonoro, da hora a que terá de satisfazer o seu próximo compromisso. É, por isso, de uma utilidade incomparável.

Omega Memomatic Ω

a sua memória automática

AGÊNCIA OFICIAL

RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202
LISBOA

TERMAS DE MONTE REAL

A ESTANCIA DE MAIOR FREQUENCIA NA PENINSULA PARA HEPATICOS E INTESTINAIS

DOIS BONS HOTÉIS

PENSÕES — CASAS PARA ALUGAR

ABERTAS DE 15 DE ABRIL A 15 DE NOVEMBRO

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DE LEIRIA

TELEFONE — MONTE REAL — 6 21 67

DOX O FIEL AMIGO DO SEU CARRO!

o NOVO anti-roubo ELECTRÓNICO!

•PATENTE ITALIANA•

EFICAZ contra os "ratos"

DOX

Distribuidores Exclusivos:

AUTO ROMA, LDA.

Avenida de Paris, 20-A e 20-B

TELEFONES: 724296 - 722150 - 727148 - Lisboa

MONTAGEM RÁPIDA

TRIBUNAL DE COMARCA DE LISBOA

10.° Juízo Cível

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção de Processos da Secretaria deste Tribunal correm éditos de 30 dias, contados da segunda publicação deste, citando a ré Ivo Lopes Cortez & Filhos, Lda., na pessoa de qualquer dos sócios João Lopes Cortez, Ivo Henrique Cortez, Manuel Antunes dos Reis e Adelino Tomás dos Anjos, que teve a sua sede conhecida na Avenida da Liberdade, n.° 3, 3.°, desta cidade e agora em parte incerta para, no prazo de 10 dias, decorrido o dos éditos, contestar a acção sumária movida por Companhia de Seguros Tranquilidade, com sede em Lisboa, cujo pedido é de 73 706$80 e respeita a 2 contratos de seguro dos ramos fogo e acidentes celebrados entre autora e ré e que esta não pagou.

Lisboa, 22 de Abril de 1974.

O Juiz de Direito,

a) Francisco Duarte Cunha

O Escrivão de Direito,

a) António dos Santos Rocha

LETRAS DE PLÁSTICO

GRAVARTE

R. Bacalhoeiros, 28

MORFEU

O DEUS DOS SONHOS

FABRICANTES

COLCHÕES DE MOLAS E TODO O GÉNERO DE COLCHOARIA • CAMAS • BELICHES • DIVÃS-CAMAS EM TODOS OS ESTILOS COM GAVETAS

30, Rua Escola Politécnica,

Telef. 3 59 37

JOSÉ SARABANDO na «VUELTA»

Joaquim Leite com pernas na montanha

SEVILHA, 28 — O abandono do minhoto José Martins, da Coelima, que veio à «Vuelta» com a camisola do Benfica, a descida do Agostinho, de décimo para o décimo-primeiro lugar da «geral», apesar de ter participado numa tentativa (frustrada) de fuga, já com cerca de 150 quilómetros de montanha nas pernas e a conservação do segundo posto na qualidade de trepador, que Joaquim Leite logrou conservar, foram os factos proeminentes, do ponto de vista da presença portuguesa nesta prova de gigantes, ao terminar a etapa de ontem, entre Marbella e Sevilha. Na generalidade, há a registar a supremacia dos corredores especialistas no «sprint», como é o caso de belgas, franceses e holandeses, que aqui continuam a cortar as metas em primeiro lugar, aproveitando a circunstância das chegadas serem disputadas, sistematicamente, em «molhos».

A procissão ainda vai no adro, como sói dizer-se. Apenas quatro das 19 etapas da Volta a Espanha foram corridas com os ciclistas, na generalidade, pouco rodados, a pedalar como se o fizessem para «aquecer» os músculos. O técnico da «Peugeot-BP», Gaston Plaud, disse-nos anteontem que o «ménage» dos corredores, segundo a categoria de cada um, só deverá acontecer mais para diante, talvez por alturas de Madrid. E é exacta a expressão. A «casa» vai ser, mais tarde ou mais cedo, arrumada, e, se o não for antes, sê-lo-á na altura em que os corredores atingirem as serranias do Guadarrama. E nem todos aguentarão, como até agora, a pedalada dos mais fortes. Entre eles estará, com certeza, Joaquim Agostinho. E talvez Joaquim Leite, o portista que ainda ontem conseguiu um quarto lugar no difícil Pico de Ronda, em cuja meta apenas foi suplantado por Abilleira, Oliva e Torres, todos da Casera.

J. Leite é sombra de Abilleira

— Ainda tentei chegar em primeiro, mas era impossível. Os que se classificaram à minha frente fizeram-me uma sanduíche, não me deixaram andar. E eu estava sozinho, enquanto eles, fazendo jogo de equipa, trocavam posições: quando dois me apertavam, saía um, para logo se inverterem as posições, comigo sempre «tramado» — disse-nos Joaquim Leite, pouco depois de cortar a meta, integrado no pelotão.

O trepador «encarnado» não põe de parte a possibilidade de levar, mais tarde ou mais cedo, de vencida o seu directo rival: Abilleira.

José Martins abandona

A harmoniosa plêiade dos benfiquistas sofreu, anteontem, rude golpe, com a queda do «benjamim» da equipa, José Martins. E mais tristes ficaram todos, quando, ontem, à partida, o médico da prova, dr. Salinas, decretou que ele não poderia prosseguir.

— Não o podia deixar alinhar. Tem forte contusão cerebral. Seria perigoso. Mas, felizmente, não aparenta ser grave o seu estado. Esta manhã falava como se nada lhe tivesse acontecido, mas estava muito confuso — disse-nos o clínico.

José Martins, jovem de 22 anos e, incontestavelmente, um dos mais promissores ciclistas do nosso País, natural de Gulães (Fafe), começou a vida dura de trabalho como trolha, até que se revelou e foi contratado pela Coelima, empresa onde se integrou na qualidade de electricista. Hoje é ciclista profissional, somando repetidos êxitos. Na sua ainda curta carreira desportiva, apenas com três anos, correu já as Voltas a França e Espanha (nas edições da época passada), classificando-se, respectivamente, em 32.º e 33.º lugares. E na Volta a Portugal conseguiu, há dois anos, um segundo posto, que a todos surpreendeu, atendendo a que tinha, nessa altura, somente 20 anos. Na última edição, em que diversos reveses lhe sucederam, colocou-se na quarta posição. Um segundo Agostinho? Para já, um exemplo de modéstia, acompanhado de exemplar espírito de sacrifício, atingindo as raias do estoicismo, como amplamente patenteou quando, jorrando sangue, muito maltratado depois da queda, nunca perdeu o sorriso, decidido a prosseguir na prova, caso o médico responsável o autorizasse.

CLASSIFICAÇÃO GERAL — 1.º, Perurena (Kas), 18 h. e 40 m.; 2.º, Thevenet (Peugeot), 46 m. 07 s.; 3.º, Leman (Mic Gribaldi), 46.10; 4.º, Van Linden (Ijsboerke), 46.21; 5.º, Ocaña (Bic), 46.25; 6.º, Lasa (Kas), 46.28; 7.º, Torres (Casera), 46.29; 8.º, Manzaneque (Casera), 46.21; 9.º, Swerts (Ijsboerke), 46.33; 10.º, Abilleira (Casera), 46.33; 11.º, Agostinho (Bic), 46.36; 13.º, Venceslau Fernandes (Benfica), 46.43; 18.º, Andrade (Mic Gribaldi), 46.49; 28.º, Leite (Benfica), 47.07; 35.º, Mendes (Benfica), 47.25; 37.º, Madeira (Benfica), 47.27; 42.º, Tamames (Benfica), 47.34; 56.º, A. Martins (Benfica), 47.55; 65.º, Aires (Benfica), 51.14; 80.º, Jorge Fernandes (Benfica), 20.09.24; 81.º, Nunes (Benfica), 11.07.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
SECRETARIA DE ESTADO DA INSTRUÇÃO E CULTURA
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

AVISO

Devido à impossibilidade de transporte da ENGLISH NATIONAL ORCHESTRA têm os respectivos concertos que ficar adiados para datas a anunciar oportunamente

O ÚLTIMO PRESO POLÍTICO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

e dizia-se contrabandista. Chama-se Angelo Ramos do Nascimento. Na minha qualidade de membro da organização L. U. A. R., assentei com ele a venda de algumas armas destinadas ao movimento, pois que pretendíamos prosseguir na acção armada contra o regime português. Os seus contactos nos meios do contrabando permitiam-lhe, conforme me garantiu, arranjar aquilo que desejávamos. Após dois meses de contactos, ficou assente que a venda se efectuaria algures entre Burgos e Valladolid, mais precisamente entre os quilómetros 32 e 33 da estrada que liga aquelas duas cidades espanholas.

E Angelo Cardoso prossegue no seu relato:

— Para lá me dirigi na data aprazada. Viajei no meu carro, levando comigo o dinheiro que o movimento destinara à transacção. Era de noite e, à medida que me aproximava do local aprazado, um pressentimento invadia o meu espírito. Estavam à minha espera dois automóveis. Antes de sair do meu, tive a precaução de fechar todas as portas. Sai do carro e sete homens abandonaram também os outros e caminharam rapidamente na minha direcção. Percebi logo que era uma cilada. Quis voltar para o automóvel, mas não pude entrar nele. Por infelicidade a porta fechara-se — encontrava-se trancada por dentro, como já disse — e eu deixara as chaves na ignição. Eles saltaram-me em cima, espancaram-me e gasearam-me logo a seguir. Quando acordei, muito tempo depois, seguíamos viagem e eu encontrava-me algemado entre dois homens, no banco de trás de um dos carros. Só acordei perto de Valladolid e eles passaram-me uma toalha húmida pelo rosto. Era de madrugada e não fiz qualquer tentativa para me libertar porque não se via ninguém nas ruas daquela cidade. Não me valeria de nada ter gritado. Pouco depois parávamos e eu fui transferido para o meu carro, sempre com dois deles a rodearem-me.

Tentativa que não resulta

FOI perto de Salamanca que decidi tentar a minha sorte. Dei uns esticões, consegui partir o vidro da retaguarda e aplicar um estrangulamento a um dos agentes, ao qual tirei a pistola. Mas as algemas não me deixaram utilizar a arma e fui dominado novamente pelos ocupantes dos demais veículos que entretanto tinham chegado, alertados pelos sinais de luzes do nosso motorista. Um agente da Polícia Judiciária que participou na minha captura deu-me então uma navalhada no rosto. Até atravessarmos a fronteira de Portugal nunca mais tive oportunidade de levar a cabo qualquer reacção. Ignoro se a Polícia espanhola sabia ou não do sucedido, mas a verdade é que passámos a fronteira sem qualquer problema.

E depois veio o inferno dos interrogatórios:

— Creio que os processos por eles utilizados já são do conhecimento de toda a gente. Foi um período terrível, até ao meu julgamento em Janeiro de 1970. Quando soube que o regime tinha sido derrubado pelo Exército foi uma grande alegria. Mais tarde disseram-me que os presos políticos estavam a ser libertados e acreditei que chegaria a minha hora.

Os advogados de Angelo Maria, o dr. Pedroso de Lima e Fonseca Viegas, ambos presentes ao acto da libertação, referem-nos também as dificuldades que se lhes depararam para a defesa do seu constituinte:

— O processo correu primeiro pelo tribunal da Figueira, depois foi para Coimbra e mais tarde para Lisboa, onde o julgamento decorreu no 1.º Juízo Criminal. A sala das audiências mais parecia um depósito de armas, tantos eram os polícias com pistolas-metralhadoras que ali se encontravam. Por coincidência o juiz era o corregedor Lopes de Melo que durante anos foi delegado do Ministério Público junto do Tribunal Plenário. Foi condenado a sete anos de prisão, agravada para dez pelo Supremo. Claro que o processo só transitou para o foro comum porque ao regime não interessava atribuir um cariz político ao assalto. Mas olhe que um dos sacos contendo quatro mil contos ficou em Portugal e circulou no País de mão para mão de pessoas modestas, que não retiraram de lá dez centavos que fosse.

Rapidamente

COM os olhos marejados de lágrimas, o major Vitor Alves saiu da Penitenciária em direcção ao carro que o esperava à porta. Acaba de cumprir a missão mais agradável da sua vida de militar:

— Só ontem — diz-nos antes de partir — tive conhecimento do caso deste preso. Um dos seus advogados entrou em contacto com a Junta, e tudo fizemos para que a libertação se efectuasse o mais rapidamente possível. Creio que não houve grande demora. E todos nos sentimos felizes por isso. Quanto menos burocracias melhor.

África do Sul reconhece Governo

PRETÓRIA, 28 (F. P.) — O Governo sul-africano reconheceu oficialmente o novo Governo português do general António de Spínola.

EM 2.ª EDIÇÃO MAIS NOTICIÁRIO

(Telefoto UPI-Telimprensa para «A Capital»)

O francês Lacombe obtém o terceiro golo da selecção de França no jogo amigável que esta equipa realizou ontem em Praga contra a selecção da Checoslováquia. O resultado final foi um empate 3-3 e na foto podem ver-se ainda o guardião batido, Vencel, e os seus companheiros Rygal e Dobias

BENFICA GOLEIA ORIENTAL

NO desafio esta manhã disputado no Estádio da Luz, a contar para a Taça de Portugal, o Benfica venceu o Oriental por 6-0.

Autores dos golos:

Nené, aos 12 e aos 64 minutos; Vitor Baptista, aos 13; Jordão, aos 29; Vitor Martins, aos 31; Adolfo, aos 75; Toni, aos 82; e Humberto, aos 86.

Farense e Atlético adiam decisão na Taça

A contar para a sexta eliminatória da Taça de Portugal defrontaram-se ontem, no Estádio da Tapadinha, as equipas do Atlético e do Farense. Os primeiros minutos pertenceram quase inteiramente aos visitantes, que forçaram o ataque e chegaram mesmo a ganhar vários cantos. A passagem da primeira vintena de minutos já os lisboetas tinham alcançado o equilíbrio e conseguiram mesmo abrir o activo. Caló marcou um livre e Leitão escapando-se à ténue oposição dos defensores adversários marcou à vontade. No entanto, treze minutos depois o Farense estabeleceu a igualdade, confirmando, em absoluto, o equilíbrio de que o jogo se esteve a revestir. Manuel José serviu Lampreia e este centrou sobre a área contrária. [illegible] apareceu, fulgurantemente, e atirou para o fundo da baliza de Lapa.

No segundo tempo o marcador não foi alterado, embora as oportunidades tenham surgido para ambos os lados. Ficou na retina uma jogada entre Nogueira e Seldi, quase ao findar o tempo regulamentar, e que ia evitando o prolongamento. Neste período suplementar, Leitão atirou à trave, de cabeça, logo no primeiro minuto, e a partida entrou então numa fase de equilíbrio e emoção. No entanto, foi «sol de pouca dura» porque o cansaço começou a fazer sentir-se, em todos os jogadores, impedindo, em absoluto, que as oportunidades de golo surgissem.

Arbitrou: José Luís Tavares, de Setúbal, e as equipas alinharam:

ATLÉTICO — Lapa; Esmoriz, Caló, Candeias e Franque; Mesquita, Samedo (Nogueira) e Vasques; Seldi (Clésio), Guerreiro e Leitão.

FARENSE — Benje; Caneira, Almeida (Farias), Alhinho e Lampreia; Manuel José, Florival e Sério; António Luís, Mirobaldo e Sobral.

Boavista continua na «Taça»

BOAVISTA e Famalicão também anteciparam para ontem, no Estádio do Bessa, o jogo que lhes competia disputar a contar para a Taça de Portugal.

O primeiro tempo foi bem disputado e poderemos dizer que nos surpreendeu a equipa do Famalicão, voluntariosa e a mostrar que sabia o que queria, pese o facto de muitas vezes o não conseguir. Os «axadrezados» estudaram o adversário e, depois disso, quedaram-se numa exibição calma, descontraída, à espera que os golos surgissem.

Isso começou a acontecer aos 12 minutos, quando Acácio captou bem um centro de Barbosa e de cabeça enfiou o esférico na baliza de Matos. Mesmo assim, o Famalicão ainda logrou repor a igualdade, mercê de um forte remate de Vasco, metido no meio da defesa adversária. O tento da primeira parte surgiria após jogada confusa junto à baliza visitante, aparecendo Moura a emendar um centro de Bernardo da Velha e a atirar fora do alcance do guardião adversário.

O segundo tempo foi de constante domínio da equipa «axadrezada», que perdeu inúmeras oportunidades de aumentar a vantagem.

Afinal os golos que o Boavista estava a merecer surgiriam somente nos dois últimos minutos da partida. Primeiro, Matos preparava-se para captar uma bola atirada de longe, qua[ndo] surgiu Vitor a pretender [...] e a modificar o caminho da [bo]la. No minuto imediato, [...] realizou a melhor jogada do [de]safio, driblando diversos ad[ver]sários até conseguir uma po[si]ção frontal à baliza de Mat[os e] daí atirar fortíssimo a [...] o 3-1.

BOAVISTA — Barrigana, [...] nardo da Velha, Mário João, [...] bosa, Trindade, Wilson, Za[...] Acácio, Moura, Tai e Salva[...]

FAMALICÃO — Matos, Ve[...] mar, Simão, Vitor, Inie, Eg[...] Luís Carlos, Lucas, Vasco, [...] randa e Leonardo.

Manchester United desce de divisão

LONDRES, 28 (F. P.) — [...] Leeds United, que já t[inha] assegurada a vitória no c[am]peonato de Inglaterra de f[ute]bol, terminou-o com mais [...] sucesso, pois venceu no c[ampo] do adversário, o Queen's P[ark] Rangers, por 1-0.

Os três clubes despromovi[dos] e que passarão a jogar na [II] Divisão, a partir da próx[ima] época, já são conhecidos t[am]bém: trata-se do Manches[ter] United, que recebeu, no s[ába]do, o Manchester City. Este [en]contro foi suspenso a 8 minu[tos] do fim, quando o visitante [ga]nhava por 1-0, dado que o [pú]blico invadiu o terreno de j[ogo] pois surgiram focos de [...] numa das tribunas do ca[mpo].

O Manchester United há [...] anos que jogava na I Divisão [do] futebol inglês.

NIKI À FRENTE NA GRELHA DO G. P. ESPANHA

MADRID, 27 (EFE e UPI-ANI) — O austríaco Niki Lauda, em «Ferrari» conquistou a primeira posição na «grelha» de partida para o Grande Prémio da Espanha em «fórmula um» que hoje se disputa no circuito de Jarama.

Nos treinos finais Lauda cobriu os 3404 metros do percurso em 1 m. e 18,44 s., seguido de Ronnie Peterson, da Suécia, em «John Player Special», em 1m. 18,47 s., e de Clay Regazzoni, da Suíça, em «Ferrari», 1 m. 18,78 segundos.

Outros tempos:

Emerson Fittipaldi (Brasil), «Texaco Marlboro», 1 m. 19,25 s.; Jackie Ickx (Bélgica), «JP Special», 1 m. 19,28 s.; Carlos Reuteman (Argentina), «Brabham», 1 m. 19,37 s; Dennis Hulme (Nova Zelândia), «Texaco Marlboro», 1 m. 19,65 s.; Jody Schekter (África do Sul), «Elf Tyrrell», 1 m. 19,86 s.; James Hunt (Inglaterra), «Hesketh», 1 m 20,03 s.

Entretanto o piloto francês Jean Pierre Beltoise sofreu um acidente afortunadamente sem consequências graves, durante os treinos.

O «BRM» de Beltoise saiu da pista no mesmo lugar, (curva de Nuvolari), em que também se despistaram os pilotos Brambilla, de Itália, e outro francês, Depailler.

O bólide de Beltoise sofreu graves danos.

amor é...

Director: H. MARTINS DE CARVALHO — ANO VII (2.ª SERIE) — N.º 2216 — 1974 — DOMINGO, 28 DE ABRIL — TELEFONES [illegible]125/6/7 — ENDEREÇO TELEGRAFICO: «ACAPITAL» — TELEX: 12366 — PREÇO